

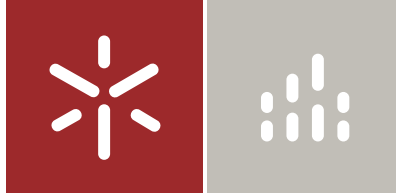


Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Carlos Jorge Pinheiro Ferreira

_UM PROCESSO
_A Arquitectura - Do tipo à evolutiva

Volume I



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Carlos Jorge Pinheiro Ferreira

_UM PROCESSO
_A Arquitectura - Do tipo à evolutiva

Volum I

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Arquiteto/Professor Doutor Pedro Bandeira

junho de 2018

Declaração

Nome. Carlos Jorge Pinheiro Ferreira

Endereço eletrónico. carlosjpinheiroferreira@gmail.com

Telefone. 935115261

Bilhete de indetidade / cartão de cidadão.14157153

Título da tese. _UM PROCESSO

A arquitetura - do tipo à evolutiva

Equipa de orientação.

Arquiteto/Professor Mestre Pedro Bandeira

Ano de conclusão. 2018

Mestrado em Arquitetura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 01 de junho de 2018

Assinatura.

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'C. Pinheiro', written over a horizontal line.

Agradecimentos

Ao meu avô.
À minha família e amigos.
À imaterialidade.

Percorro os passos,
Sobre os quais tropecei.

Diante o mundo, o vale projeta.
Medieval terra, que um dia algo em mim conquistou.
Afinal. Ai afinal.
Fora ou não o marco de conquistas e traições,
Sobre os quais uma nação um dia se montou?
Estranho sentido este,
de que por sangue se monta a pátria.
Que por gravidade se aproxima
e que pelo céu se separa.
Medieval pensamento,
De querer ser mais pelo individual comum,
Do que pelo comum individual.
Reconheço a subtil dureza do corpo
Que ainda hoje te compõem,
Foste filho(a) da mesma ainda antes de o ser,
Serás filho(a) da mesma um dia mesmo sem o querer.
A constituição da terra florida
meio mundo teve que percorrer,
O céu da tua terra, o vale te fez querer.
Juntos em terra que a primavera floreu,
Te vi nascer.
Constante em si, deixou-me ir sem te ver morrer.

OBRIGADO.

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

Resumo

_A investigação recai sobre: um processo - incidente em um terreno e o desenvolvimento de duas habitações.

_As inquietações provocadas pela insatisfação do processo de conceção.

_Eu e todos os atos falhados.

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

Abstract

_The investigation falls back on: one process - incident on one field and the development of two houses.

_The concern provoked for the dissatisfaction created by the process of conception.

_I and all of the failed acts.

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

_Índice

_Pag.

_VOLUME I

01 _Introdução

09 _Um terreno. Duas casas

45 _Inquietudes

57 _O Abrigo

64 _Referências Bibliográficas

67 _Crédito de Imagens

_VOLUME II

01/17 _Desenho técnicos

_VOLUME III

01 _Manifesto

33 _Anexos e outros atos falhados

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

INTRODUÇÃO

_A ânsia de projetar, organizar, expor e explorar pensamentos e ideias, que durante o percurso acadêmico foram criando os seus alicerces e fundamentaram a sua existência; veem com este trabalho, a possibilidade de dar o ponto de partida enquanto ato de liberdade prática. A soberania, latente da complexidade do que é o conceito do habitar, lança o mote para o trabalho. Nos primórdios, era a caverna (necessidade de proteção), posteriormente, em consequência das necessidades de sobrevivência surge a cabana (a efemeridade do habitar e as suas possibilidades) e, por fim, a casa (o conforto e a comodidade), tal como hoje a conhecemos.

_O processo, título deste trabalho que serve de base para a exposição das capacidades de expressão em torno da criação, assim como, para a transmissão de pensamentos sob uma forma material. O conteúdo, a sua exploração e a apresentação dos mesmos, pela criação de um processo arquitectónico, submete-se enquanto objeto de estudo. É importante entender que, da minha perspetiva, tudo são processos. Todo e qualquer ato praticado por um sujeito, consciente ou inconsciente, durante a sua vida, de uma forma simples e prática, não resume a forma como habitamos os espaços e, consequentemente, isso é o reflexo da sociedade.

*"...O que entendemos está dentro e o que não entendemos está fora. Compreender é puxar para dentro, não compreender é empurrar para fora ou manter lá fora. A compreensão intelectual é uma compreensão física; com medidas de proximidade e afastamento. E neste sentido distinguimos melhor o ser, o que existe, do que o que não existe; compreendemos melhor o que tem volume do que o que não ocupa espaço e nem tem mapa que o localize. Compreender é localizar."*¹

_Agora, após este primeiro passo da caracterização do entendimento do processo, enquanto ato de transmissão de conhecimento, compreendamos a sua materialização na organização de raciocínios processuais.

1_ M. TAVARES, Gonçalo. *Atlas do corpo e da imaginação*. 1ª ed. Alfragide: Editora Caminho. 2013. ISBN 978-972-21-2656-4. P. 031

“Desenhar um raciocínio capaz de fazer traços visíveis que expressem desenhos heterodoxos, desenhos cujo marcar de uma certa linha num certo instante não permita a previsão certa do próximo passo.

Estamos, pois, na caminhada lateralizada, inquieta, que se aplica na multiplicação da potencia, e não na sua diminuição. No final de cada raciocínio o objetivo é que as possibilidades de continuação desse raciocínio aumentem, nunca que diminuam. Depois de tu pensares eu tenho mais armas para continuar a pensar, eis um fato que deve merecer agradecimento. Se o pensamento vai até ao fim, acaba, impõem a sua autoridade, não deixa espaço para contradições, para discussões, para insultos inteligentes, então estamos no âmbito dos métodos definitivos, aqueles que impõem a última palavra (fini) sobre o assunto.”²

_Dos processos, compreendamos então que, assim como os raciocínios, não têm um fim delimitado. Depois de um entendimento das possibilidades e do que é aquilo que localizamos, percebemos o que isso implica na construção de raciocínios enquanto organização e exaltação da discussão, assim como, das novas possibilidades que daí advêm. Procuremos então o que incitou ao ponto de partida para este trabalho.

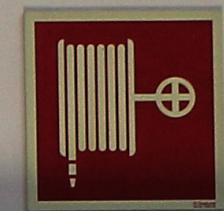
Assim, e enquanto fundamentação do que foi o primeiro impulso na conceção deste trabalho, recorro ao prefácio de António Marques da obra “Humano demasiado Humano”, referente aos temas de interesse da filosofia no mundo ou ao mundo em geral, uma analogia clara perante a questão do habitar.

“...Não nos enganaremos se afirmarmos que existe um tópico, melhor ainda um processo, que se reconhece como o principal indicio que legitima toda a suspeita. Ele consiste na observação frequente que algo gera o seu contrário, o seu antípoda positivo ou negativo. Mas é notável que o primeiro elemento não desaparece e apenas, por assim dizer, se transmuta, ou seja, altera-se quanto ao seu valor inicial e passa a desempenhar um outro papel.”³

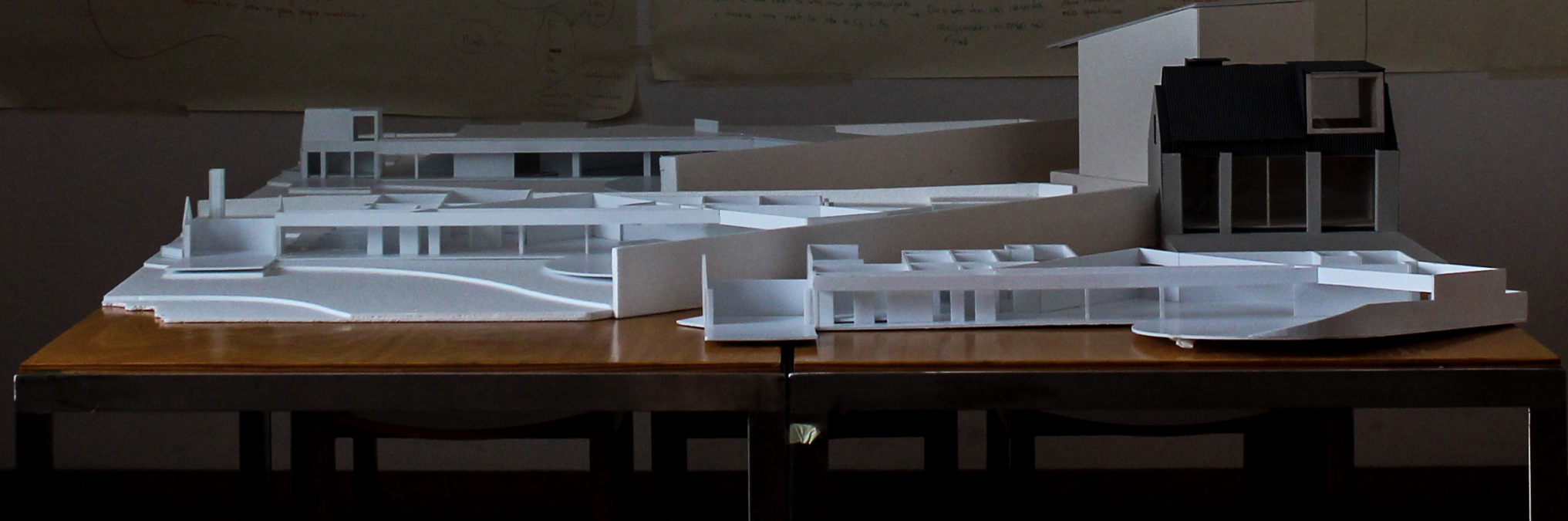
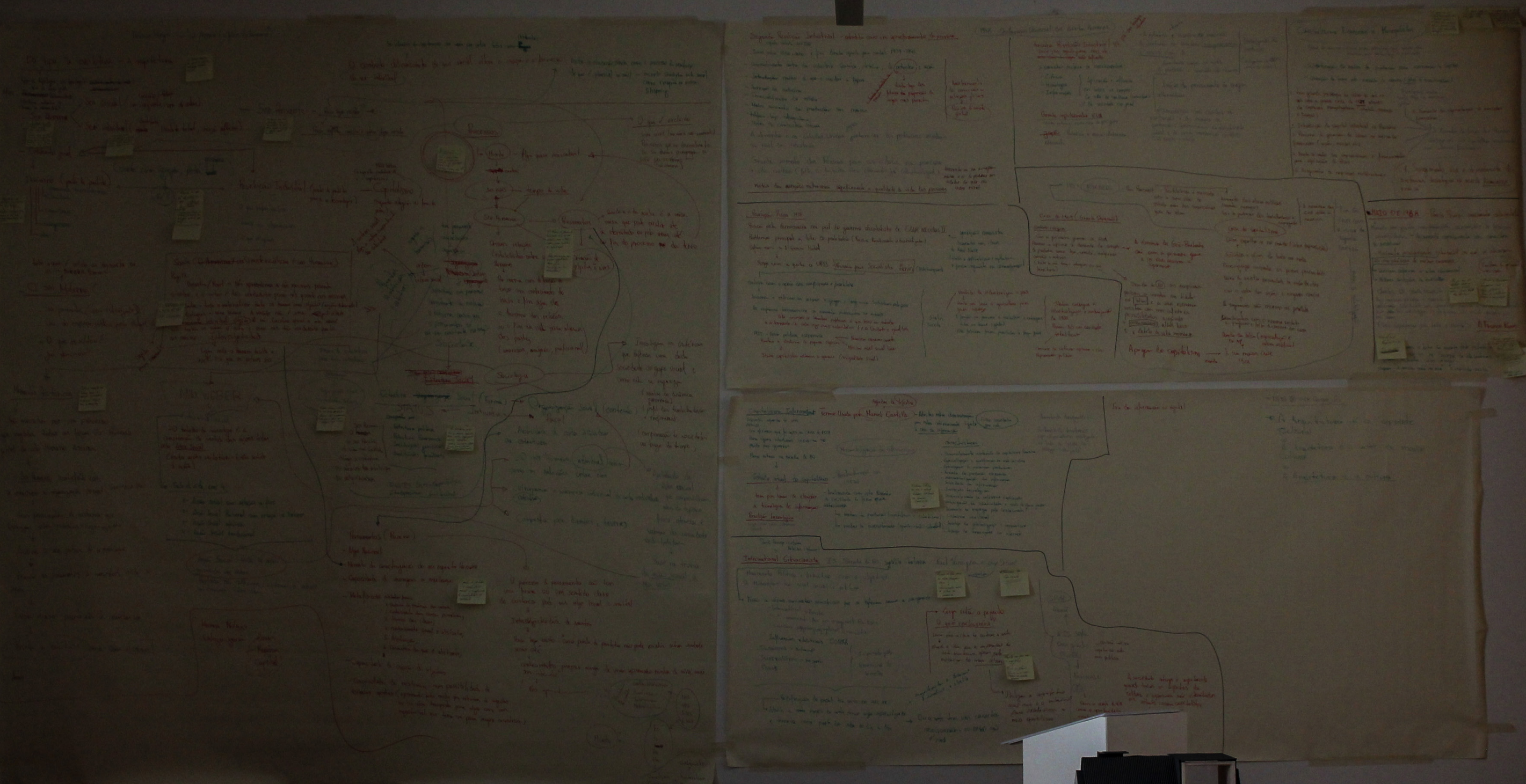
_Ou seja, a suspeita sobre o habitar levanta a exploração.

2_ M. TAVARES, Gonçalo. Atlas do corpo e da imaginação. 1ª ed. Alfragide: Editora Caminho. 2013. ISBN 978-972-21-2656-4. P. 031-032

3_ NIETZSCHE, Friedrich. Humano, Demasiado Humano - Um livro para espíritos livres. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 1997. P. IV.







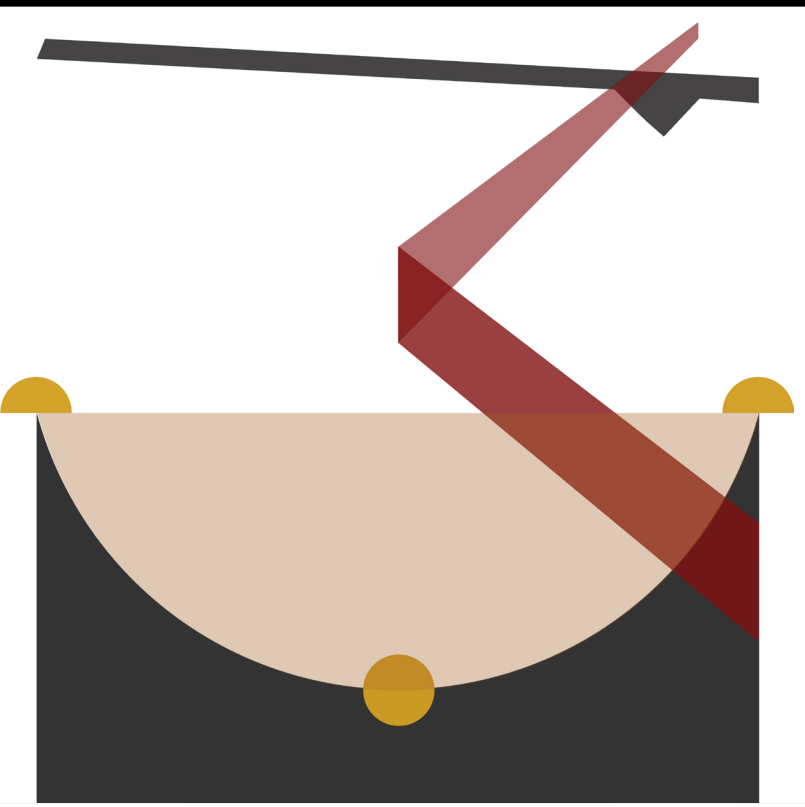


_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

_Um terreno. Duas casas.



_FIG.06



_FIG.07

_Para a realização da tese que aqui visio apresentar, o meu primeiro impulso foi a realização de uma habitação. Um projeto de arquitetura, a questão do habitar. Desta forma, usufruo de um terreno pertencente à minha família e a opção tida por esse terreno, e não outro, tem a sua força no fato deste estar presente há três gerações na família, assim como, no fascínio da memória que tenho desde pequeno pela pequena eira existente – que será o princípio do projeto.

_O terreno localiza-se na Rua António Silva, freguesia de Lama, pertencente à cidade de Santo Tirso e ao distrito do Porto. Situa-se de automóvel e, mais especificamente, a 8 minutos do centro de Santo Tirso, a 32 minutos do centro do Porto que, por consequência, vê aí supridas todas as necessidades e possibilidades de serviços e funções que compõem as cidades.

_O terreno em forma de meia seta (ver Figura 06) possui uma área total de 32000m² e tem o seu único acesso localizado a noroeste. Apresenta um declive de 2 metros, sendo que, a entrada existente localiza-se à cota alta. A lateral que se dispõe para o circuito viário encontra-se voltada a norte, o que confere ao terreno apresentado uma excelente exposição solar. Os limites voltados a noroeste e sudoeste estão marcados pela presença de um muro de forte relevância fazendo-se caracterizar no seu ponto máximo por uma dimensão de quatro metros e, no mínimo, com um metro e oitenta (ver Figura 07). Este limite estabelece o contato do terreno com a única habitação adjacente ao mesmo. A sul e este, não existe um limite físico, mas sim um prolongamento do terreno por um descampado que nos tempos dos meus avós serviu para uso agrícola. O terreno de que me aproprio era noutras épocas utilizado como bouça tendo sofrido uma desmatagem algures na sua existência mais recente, encontrando-se entregue à natureza, à espera de intervenção.



_FIG.08



_FIG.09



_FIG.10



_FIG.11

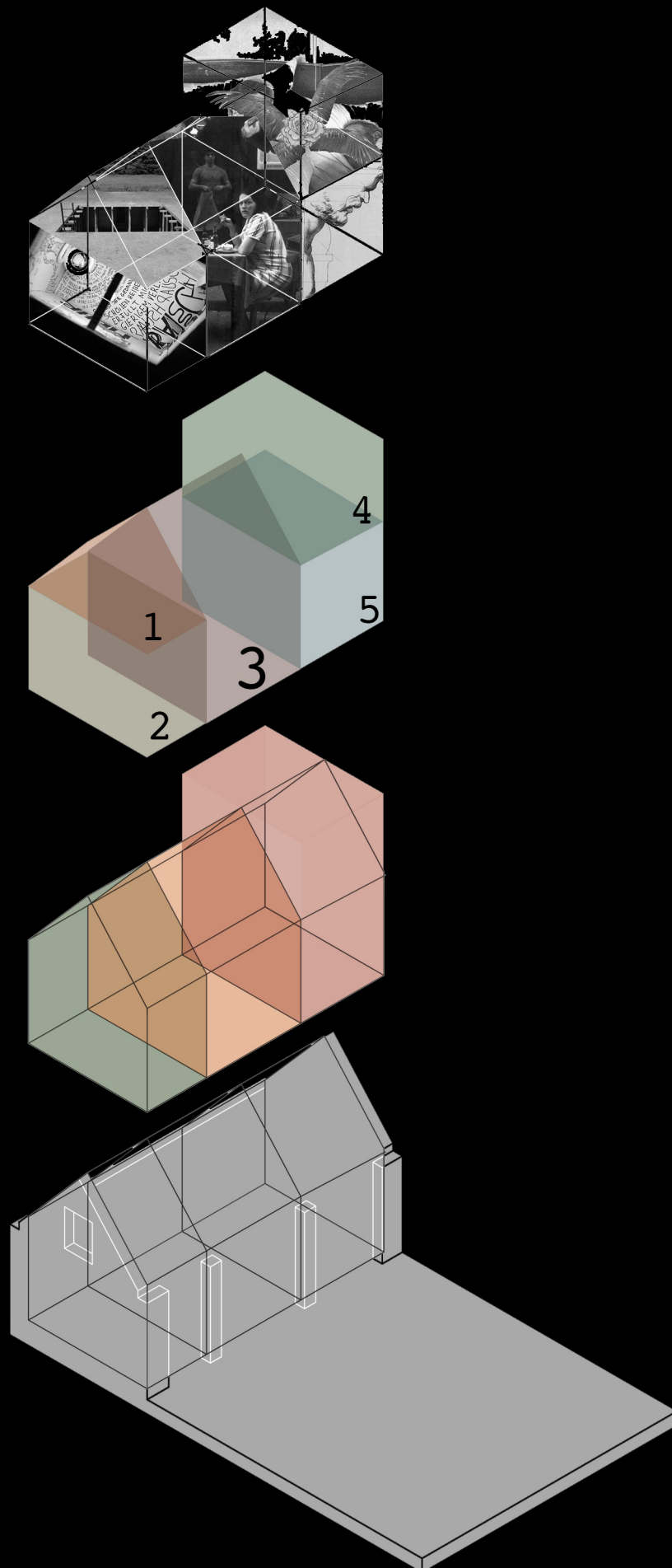


_FIG.12

_ Assim, o primeiro passo para a recuperação da eira, de forma a transformá-la numa habitação onde eu sou o cliente e, tendo como base uma necessidade momentânea de independência, procedeu-se ao levantamento da mesma. Com uma base retangular de 6.35 metros de comprimento por 3.25 metros de largura e fachada a norte sem qualquer tipo de abertura, contrastando com a sua fachada oposta, que contém 3 aberturas com as dimensões de 0.98metros, 1.95metros e 1.70m por 1,9m de altura. A cobertura de duas águas tem no seu ponto mais distante do solo a 3,5m e o mais próximo 1,9m de altura. Este objeto constituí uma disparidade entre quatro materiais, granito, tijolo de cimento, madeira e telhas.(ver Figuras desde 08 até 12)

_A sul, existe um pátio em prolongamento do seu interior, em tudo contido em si e reformando a presença da eira no contexto envolvente fixando-a ao solo. Com 6.5metros de comprimento e 6metros de largura este pátio concede à eira, uma definição na sua expansão ao nível do uso do espaço exterior, voltando à caracterização da sua composição e definição volumétrica interior. Existe de novo um contraste, entre o que se encerra pela força da matéria e se expõe pela falta da mesma, se na fachada oeste uma pequena abertura nos encanta pelo seu enquadramento com o pôr-do-sol, um ato delicado que permite um enquadramento contemplativo, no seu oposto a dureza de um limite totalmente encerrado, marca o contraste entre as partes quase que pela sua disposição a preexistência quisera existir de forma ativa num horário em que se permite a ser penetrada pela luz.

_Neste projeto, o desafio implícito não passava por pensar e desenhar o objeto arquitetónico com base na procura da excelência de relações, o conforto desmesurado, uma arquitetura "apelativa" ou, até mesmo, uma arquitetura sem limites ou condicionantes. O desafio passa sim pela procura da concepção e organização do espaço habitável, confortável, e de um certo modo, encantador, que possibilite a vida do dia-a-dia, para daí, no seu interior poder existir da forma mais natural e despromovida de qualquer tipo de limitação, o meu mundo. Uma procura da origem que compõe o íntimo do meu ser.

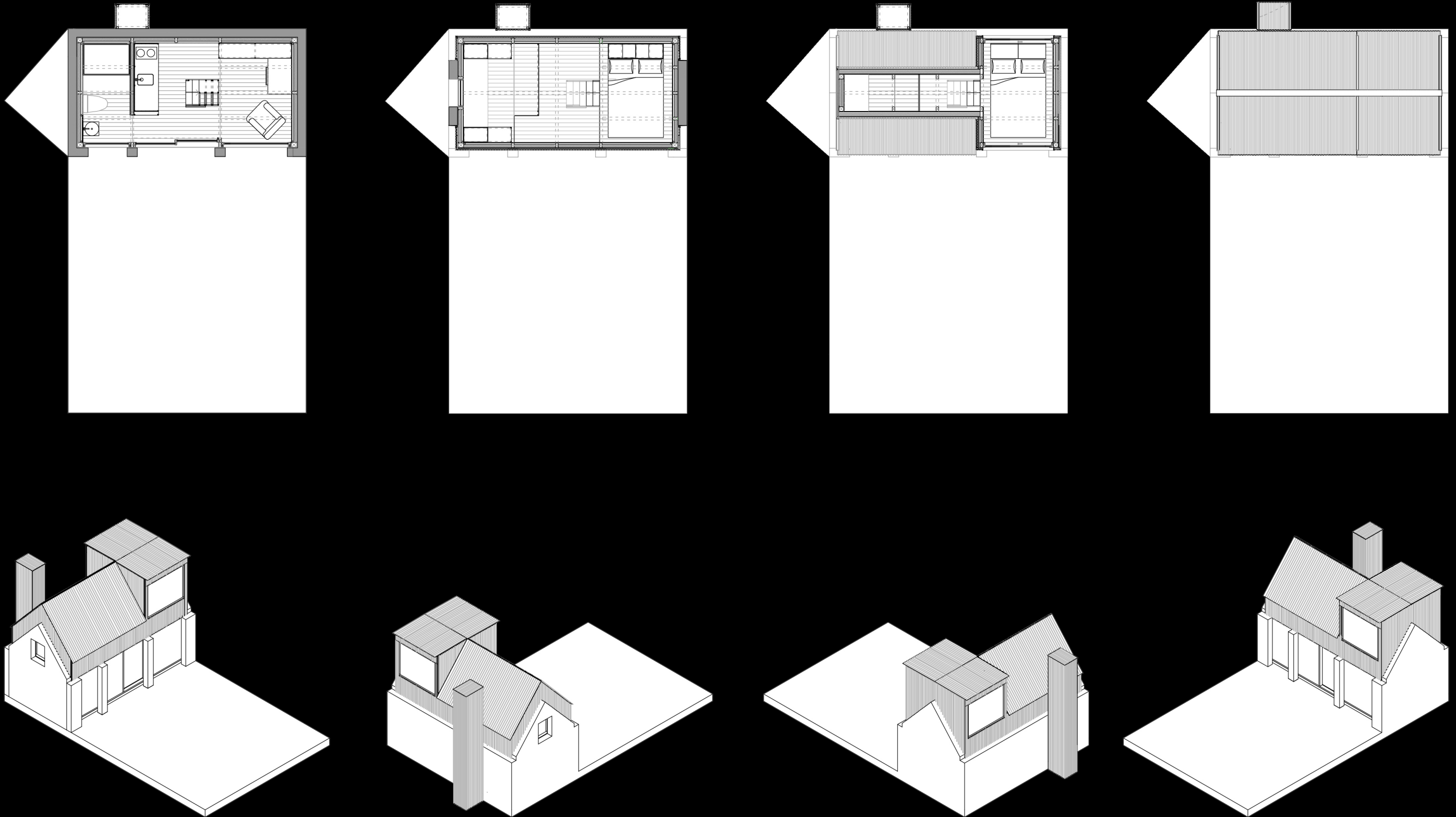


_FIG.13

_Pensemos que o desafio aqui se associa facilmente à infância e a um comum jogo infantil de estimulação de relações, que obriga a criança a associar a forma com o vazio correspondente, pois só assim completará o objetivo – em conformidade com este jogo, o projeto passa exatamente pelas mesmas necessidades de agrupamento e relação do espaço. Entendido como abrigo – pois foi esta a denominação que decidi aplicar ao projeto durante a sua concepção – a arquitetura no seu primórdio existencial, onde se apropria de uma existência para possibilitar uma nova vida, adquirindo apenas as soluções necessárias para um ritmo de vida que possibilitaria a minha desejada independência, a minha proteção e o meu conforto. Assim, segundo isto, julgo estar claro que nele apenas exista o suprimento das necessidades básicas, contendo uma zona para dormir demarcada pela presença da cama (quarto), uma zona para a confeção de alimentos (cozinha), uma zona para a higiene (casa de banho) e dois momentos importantes de estar; um definido pela presença de um sofá e de uma pequena escrivaninha (sala) e, outro, como um refúgio de mim, a ideia de ir mais além dentro da minha própria forma de habitar comum a todos, um lugar livre de uso podendo esse ser impermanente, consoante as minhas necessidades mais obscuras e intrínsecas.

_Tendo em conta as pequenas dimensões da pré-existência tornou-se impossível cingir-me apenas às demarcações existentes, dessa forma foi feita uma ampliação no sentido vertical, a fim de suprimir todas as minhas necessidades. Por conseguinte, a ideia passa por criar um módulo com base na métrica da eira, instalando-se no seu seio. De base para o projeto assumi a divisão preexistente das aberturas, que mesmo sendo díspares ao nível da largura, marcam um ritmo tripartido definido e que, por consequência, ajudam à divisão dos espaços como mote dimensional para a ampliação. (ver Figura 13)

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

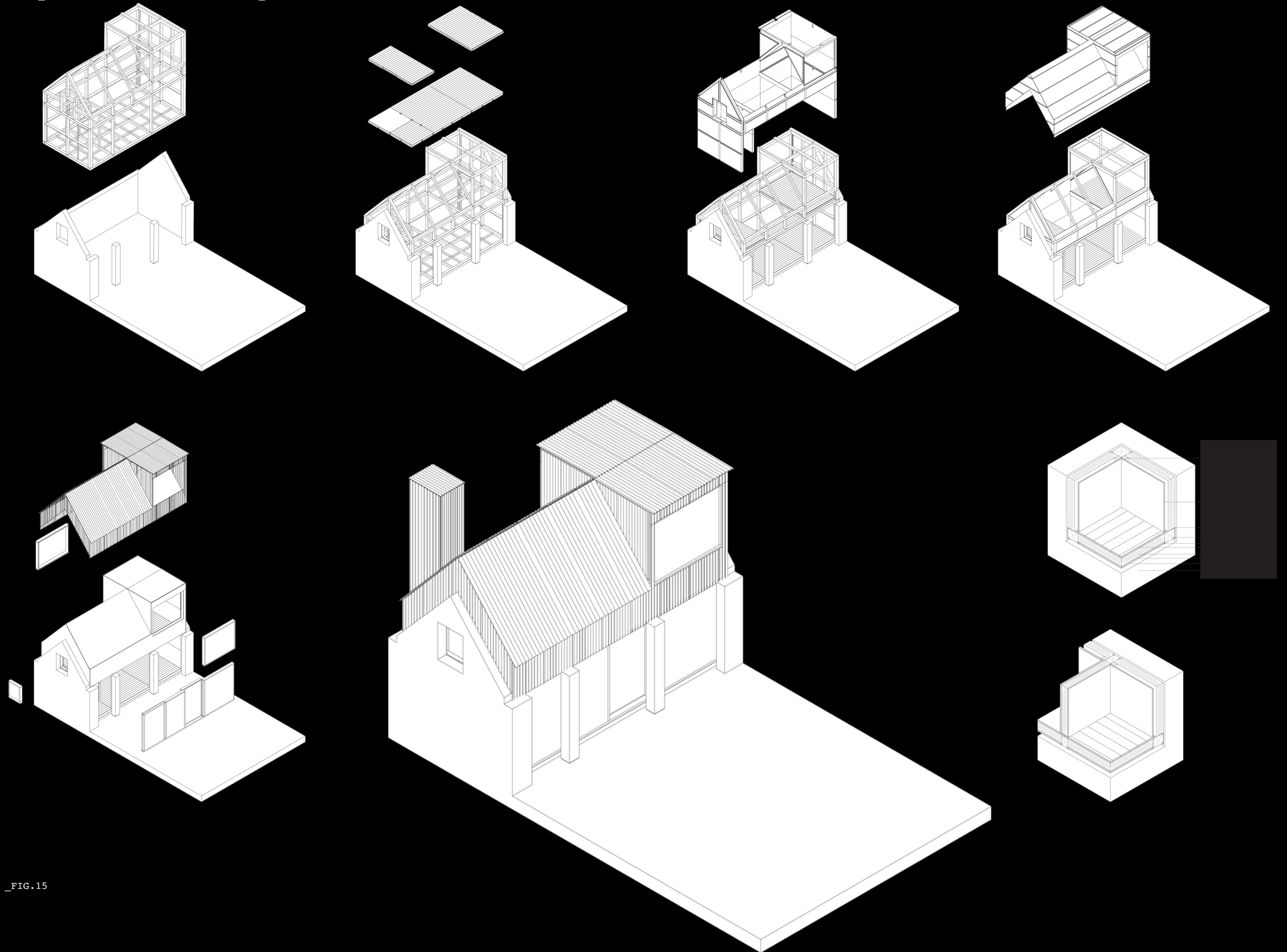


_FIG. 14

_Neste sentido, a aproximação ao objeto seria pelo acesso preexistente. Quando nos localizamos no pátio exterior a fachada apresenta-se com as três divisões preexistentes, que por sua vez encontram na abertura central subdivida – o meio de procedermos ao acesso de transposição para o espaço interior. Nesse momento encontramos-nos perante as cinco divisões latentes à intervenção. Diante o usuário encontra-se a zona de confeção de alimentos, do lado direito e resguardado do pé direito total presente no momento de entrada, temos a primeira zona de estar e à esquerda, a zona de banho. No momento central estão presentes os dois acessos que permitem vencer a diferença de cota. O primeiro e mais evidente efetuado por uma escada móvel que permite o acesso à zona de dormir (que surge no projeto com destaque por não assumir as duas águas presentes na pré-existência e por ter duas aberturas transversais às fachadas norte e sul). De forma mais discreta, assim como íngreme, temos na lateral da cozinha um acesso ao momento de estar mais resguardado. (ver Figura 14 ou volume II, folhas 2;3;4;5;6;7;8)

_Devido às suas pequenas dimensões e por se tratar de uma tese, este projeto obriga a uma aproximação construtiva. Contém em si inúmeras possibilidades de explorar o sistema construtivo e a forma como o material físico se integra com a pré-existência, por outras palavras, a materialização do romantismo da relação entre o novo e o velho. A efemeridade do homem transpondo-se por uma proposta perene com base da arquitetura, a matéria. Tendo em conta que no início deste processo existia a viabilidade da sua construção, as opções tomadas no processo do pensamento – de relevância nas opções relativas ao método construtivo – têm presentes a autoconstrução, ou seja, a possibilidade de que a construção fosse conseguida em grande parte por um número máximo de 3 pessoas.

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_



_FIG.15

_Segundo isto, as opções tomadas recaem na construção em madeira, assumindo o papel de estrutura principal, subestrutura e revestimento interior. Existindo exceções que surgem em três momentos; o primeiro na zona da cozinha; o segundo na zona do chuveiro, por motivos óbvios de impermeabilização e humidade; e, por fim, um terceiro momento com vontades diferentes das anteriores, emergindo na zona do lavatório, onde se encontra um espelho com as dimensões correspondentes à abertura de acesso à casa de banho. Sendo esta última, com o intuito de proporcionar no espaço em geral uma maior amplitude a todo seu comprimento. Quanto ao revestimento exterior, sempre que este se destaca da preexistência, a opção tomada tem em vista a degradação do granito, da pedra e do custo, foi por isso escolhida a chapa ondulada. Os caixilhos são em madeira o que pode parecer controverso, porém, é a joia do projeto. (ver figura 15 ou volume II, folhas 9;10;11;12)

_É assim, a forma que permite a existência de um abrigo. Um espaço contido e funcional, com o intuito de albergar todas as minhas vontades e necessidades mais íntimas e das quais tenho a consciência da existência no momento. (ver Figuras desde 16 até à 28)



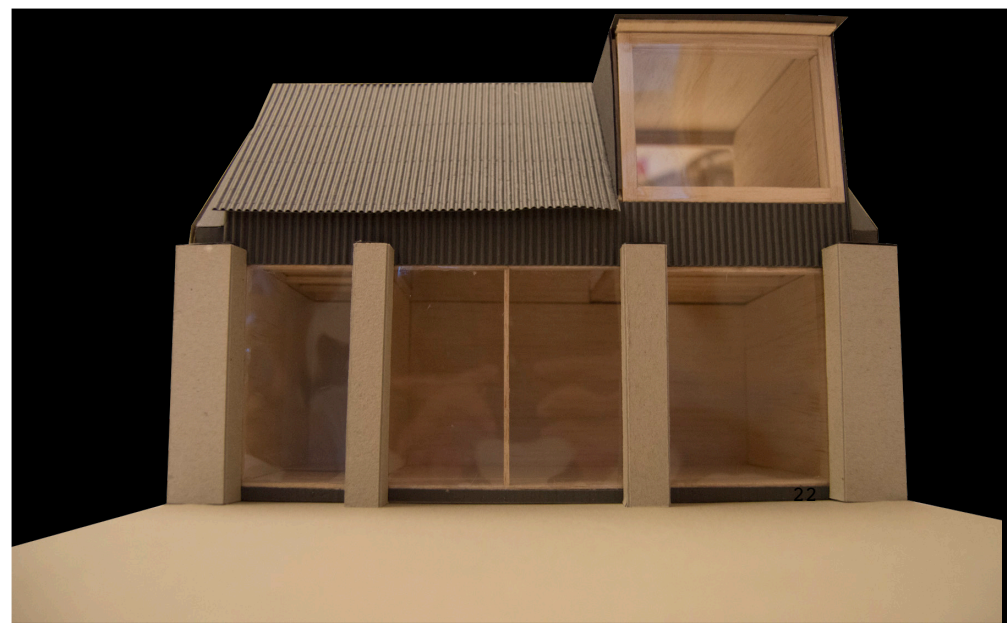
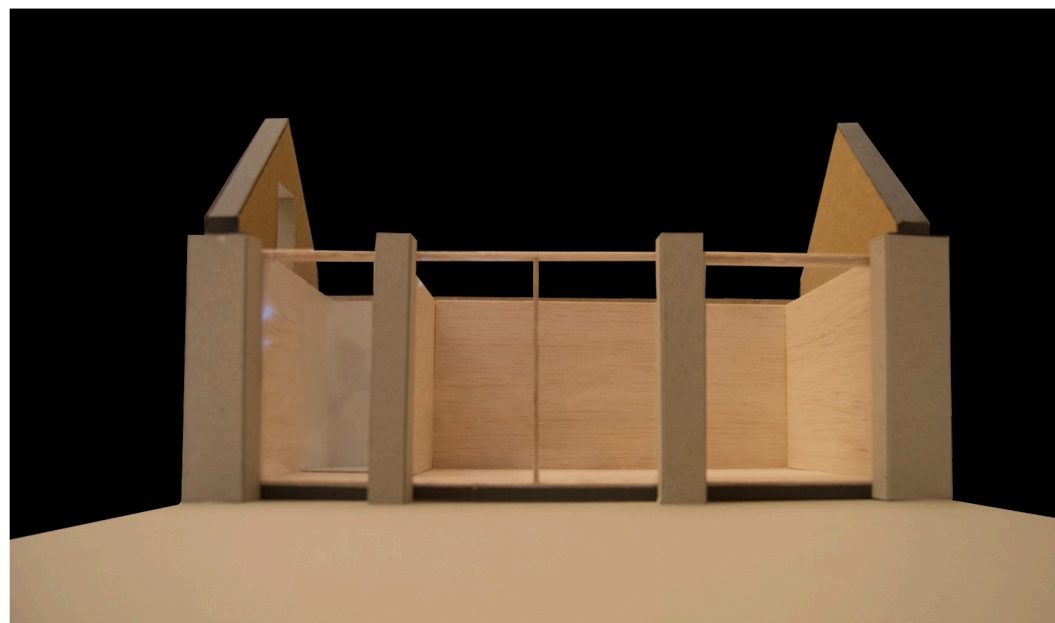
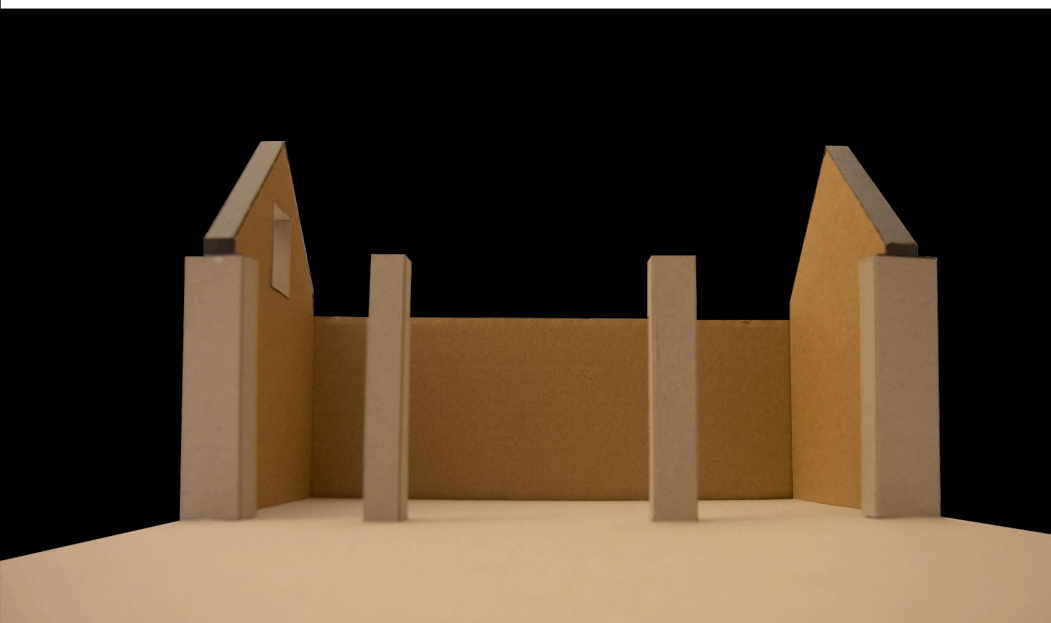
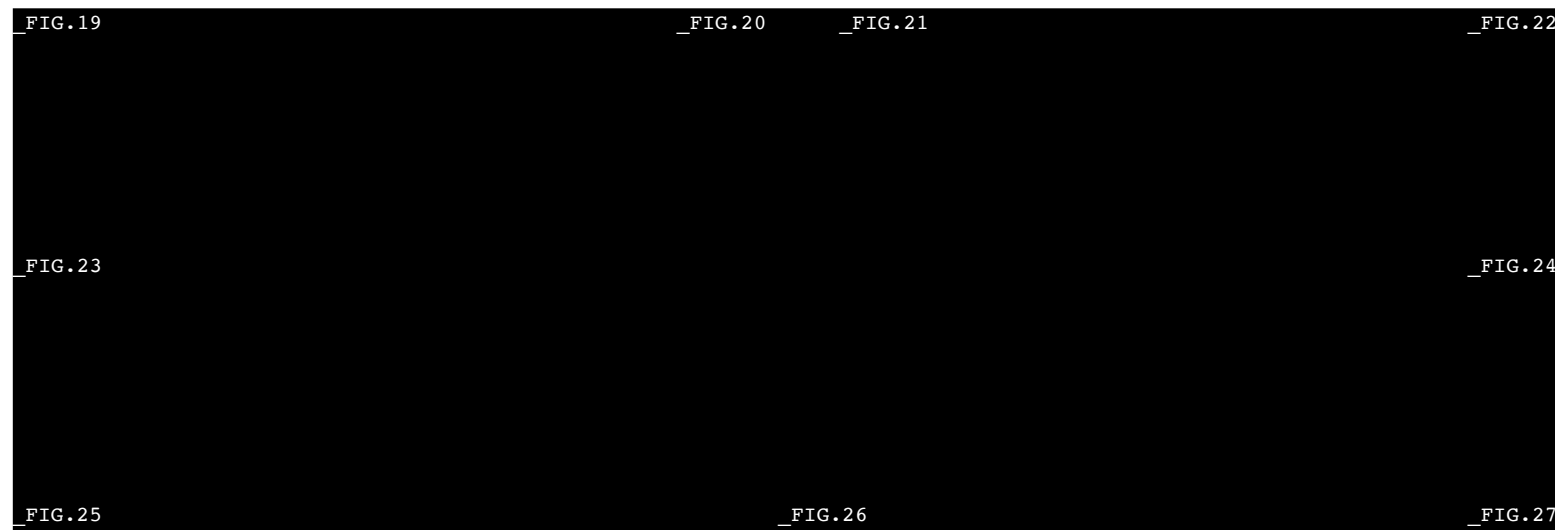
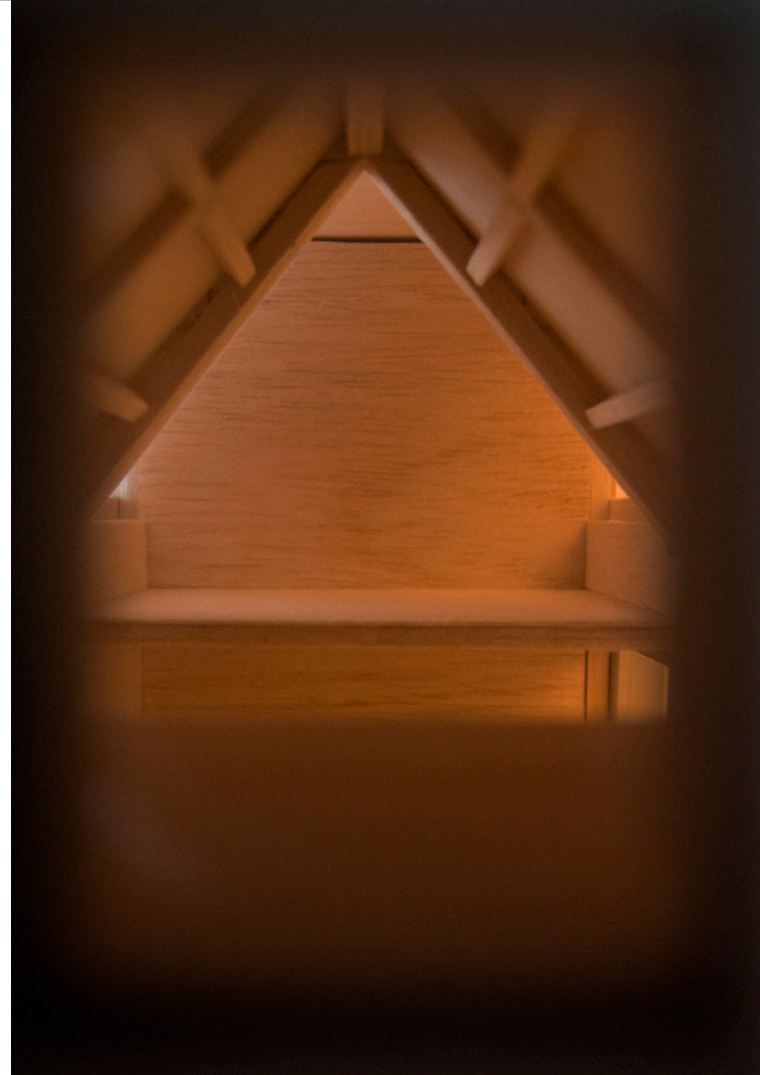
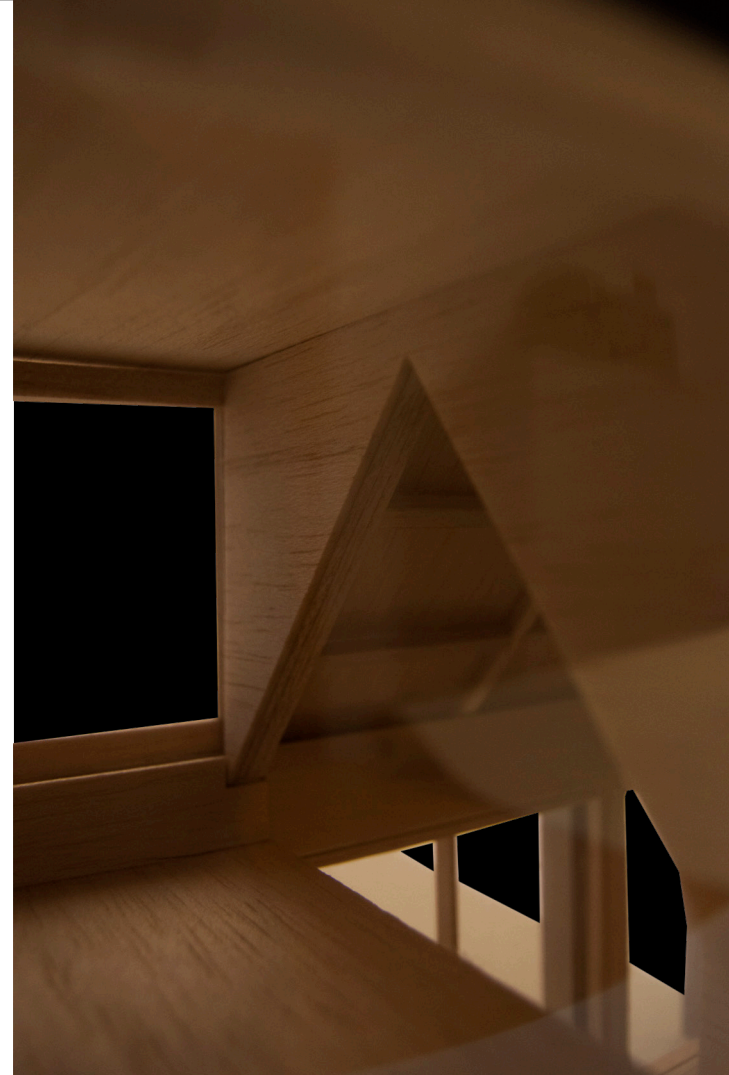
_FIG.16

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

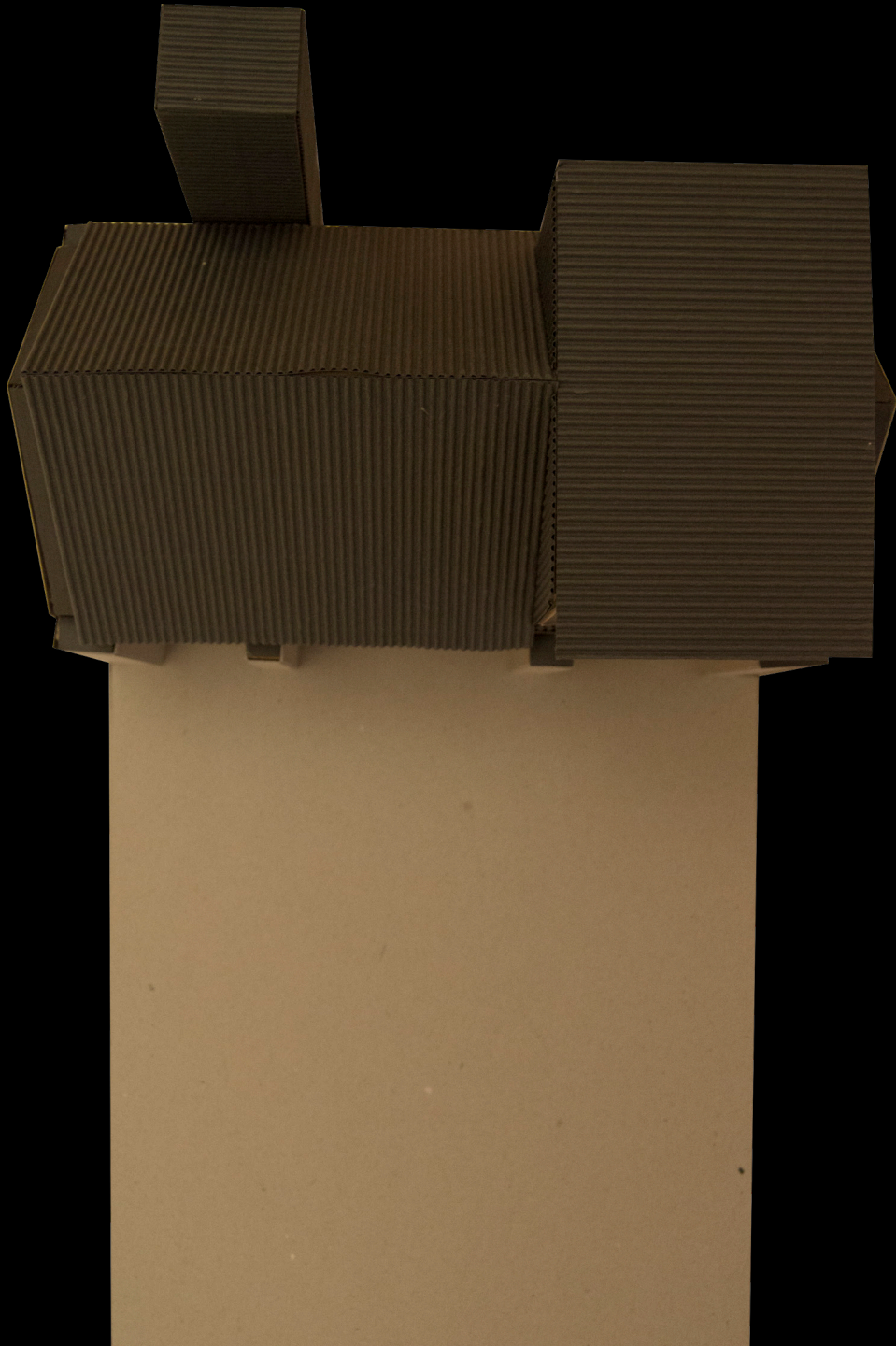
_FIG.17







_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_



_FIG.28

_Porém, na conclusão deste processo do abrigo, não sentia total satisfação ao nível pessoal com a realização do mesmo. Após o estágio da experiência da existência no abrigo e, tendo por base as possibilidades passíveis e futuras, surge a insatisfação e com isso emerge a questão de qual poderia ser o caminho que me satisfizesse. Início então o processo de autoquestionamento, o ato de habitar a inexistência física do abrigo. Questiono-me como seria a evolução ou a evolutiva do habitante do abrigo numa fase futura. Desta forma, passo para o oposto, a liberdade de pensar que existe a possibilidade de, eventualmente, surgir a vontade de construir uma família. Surge, com isso, a imposição de outras necessidades para o habitar. É então que tomo a opção de desenhar uma habitação com base no espaço mínimo, mas antagónica ao mesmo, sem condicionamentos ao nível financeiro ou qualquer outro tipo de imposição, exceto as programáticas que assumo. Assume a liberdade de desenho.

_Este segundo projeto visa albergar uma família composta por quatro elementos, um casal e dois filhos, sem limitações financeiras, e que querem construir uma casa para albergar o seu seio familiar, assim como privilegiar o convívio social da mesma, tendo por base a existência do abrigo.

_Como princípio para o desenho da sua implantação foram levantadas as condicionantes e possibilidades que o terreno apresentava. Desta forma, a presença do muro - que limita o terreno com a casa que lhe está adjacente - determina uma força bastante impositiva e que se vai acentuando conforme percorremos o espaço pré existencial, apresentando em conjunto com o limite da rua um leque com abertura para a paisagem. (ver Figura 29)

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

_FIG.29



_Como já referido anteriormente, o terreno desenvolve-se com um declive de dois metros, o que pela sua extensão não se torna um problema mas sim uma solução, permitindo à volumetria anexar-se ao terreno e desenrolar-se sobre o mesmo em dois momentos: o primeiro, pela presença que adquire perante a rua, expondo-se no ponto mais distante do acesso ao terreno e, gradualmente, resguardando-se conforme nos aproximamos do acesso principal, demonstrando a necessidade de alguma intimidade para se fazer uso da habitação, assim como para penetrar a fundo no terreno; o segundo, porque permite pelo seu declive a abertura de toda a zona social de forma resguardada dos transeuntes externos para o terreno que enfrenta.(ver Figura 30)

_O Resultado incide num princípio de desenho que pretende de forma moderada, prolongar o movimento da preexistência em equilíbrio com as direções apresentadas pelo leque delimitador do terreno.

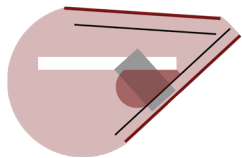
_A volumetria na sua forma mais pura apresenta-se ao habitante desenhando um limite novo sobre a forma de olhar o horizonte e a sua cobertura plana procura convergir num ponto infinito com o momento de acesso ao terreno, isto não acontece num espaço finito pela intenção de querer a sua presença sempre latente mesmo que não na sua totalidade. Concluindo, no momento da chegada ao terreno, a volumetria semienterrada não impede a visão sobre a paisagem, apenas a limita, possibilitando a contemplação da mesma num extrato superior, distinguindo duas formas ou posições de contemplação diferentes pela existência do projeto.(Ver Figura 31)

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

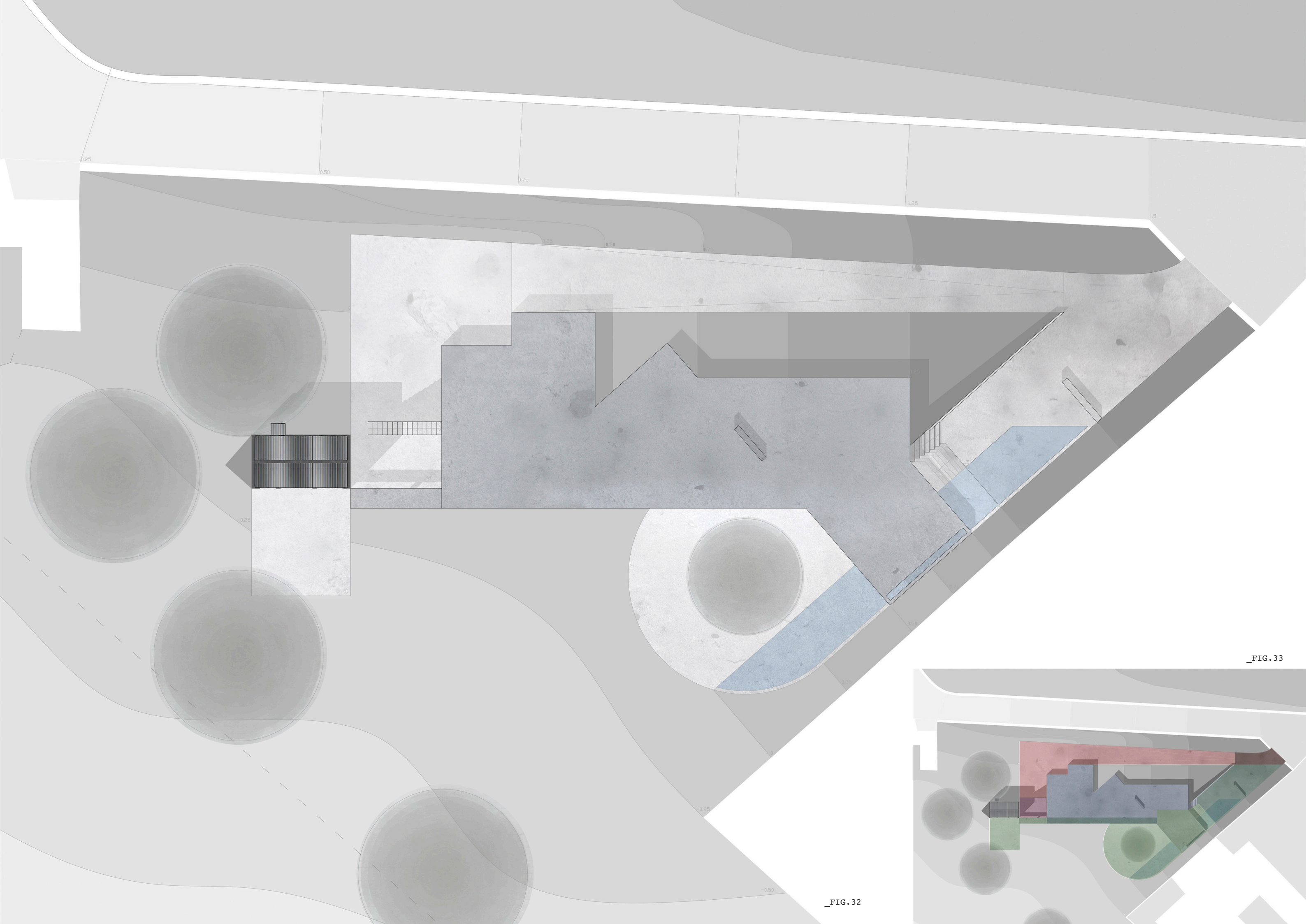
_FIG.30



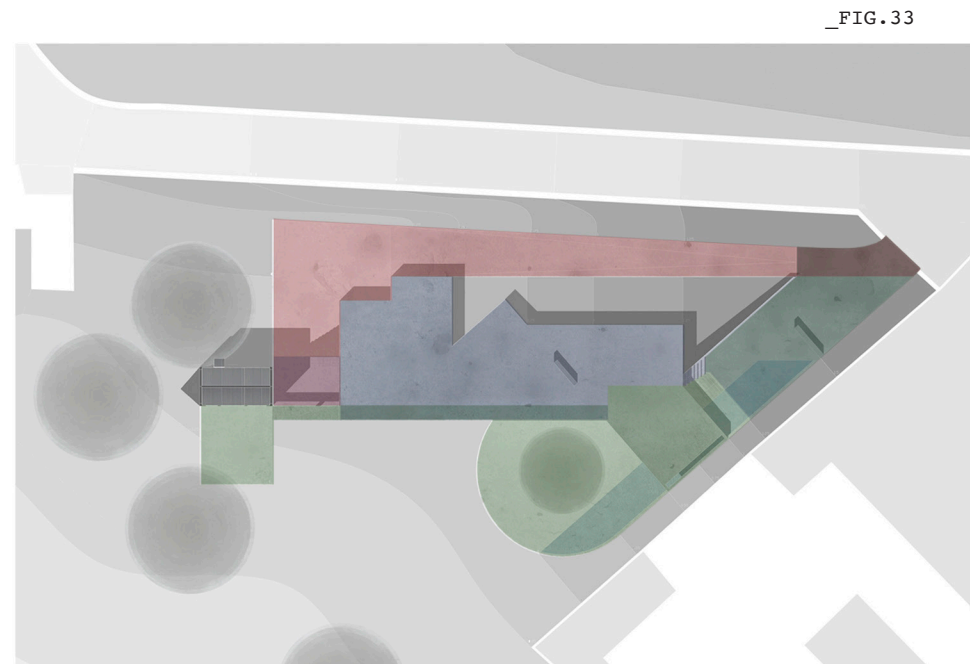
_FIG.31



_Atentemos na sua implantação (ver Figura 32 ou volume II -folha 15). No momento de entrada no terreno existe desde logo uma bifurcação de acessos; se por um lado temos um acesso lento, de alguma forma mais discreto, que conforme o percorremos vai ampliando a sua dimensão e levando-nos à zona posterior da casa permitindo o acesso ao abrigo, ao local de estacionamento, assim como, a uma entrada para a habitação – por outras palavras um acesso à zona mais privada da casa ou ao local que não pretende a presença de convidados; por outro, temos um acesso bastante mais apelativo quer pelo paralelismo que estabelece com a força do muro adjacente, quer pelos momentos de composição que apresenta, conduzindo ao ponto de entrada para o interior da habitação e que se caracteriza por um banco de espera – presença constante na maioria das casas vernaculares portuguesas; um espelho de água – que permite a recolha das águas – que acompanha o movimento dos usuários, e termina no remate em semicírculo que contempla a paisagem, abraça o momento de entrada prolongando a zona social para o exterior – um envolver do volume à cota baixa na marcação do solo. A existência de um pequeno murete, na cota superior, que delimita a passagem e impulsiona o desenho das escadas onde na sua conceção foram pensadas de forma a permitir a continuidade entre o acesso tanto à cobertura assim como à cota de entrada, um elemento de duplo sentido. E é neste momento transitivo e descendente que surge a cobertura, que se estende na vontade de encontro com o limite do terreno, um momento de corte com a experiência tida até então, levando o usuário a ter a consciência que está a mergulhar num espaço que de facto assume o íntimo da privacidade e do acolhimento, uma repetição do “leque” do terreno, elevado à escala do privado.(ver Figura 33)



_FIG. 32



_FIG. 33

_O estabelecimento de diferentes formas de ligação entre o abrigo, a casa e o momento de entrada, têm um compromisso latente com o terreno existindo em concordância com ele. Um desenrolar de momentos e possibilidades de uso até ao que considero a profundidade do projeto. A habitação surge com base nos limites existentes, porém, independente a estes, criando os seus próprios limites.

_O destaque geral dado ao abrigo, assume-se como uma intenção clara do projeto. A frágil ponte entre o abrigo e a extensão é realizada de forma a que não fosse em momento algum posta em causa a sua independência, funcionando assim como o término de uma promenade projetual, como o ponto máximo da privacidade e do mundo, do meu ser. Uma progressão sobre a forma de habitar do que é a relação humana e a progressão temporária do conhecimento que só a escala do tempo permite a sua real existência.

_Ao nível do desenho interior, o novo programa alberga três suites, uma cozinha, zona de refeições, uma sala, um pequeno escritório e um lavabo de serviço.(ver Figura 34 ou volume II – folha 14)

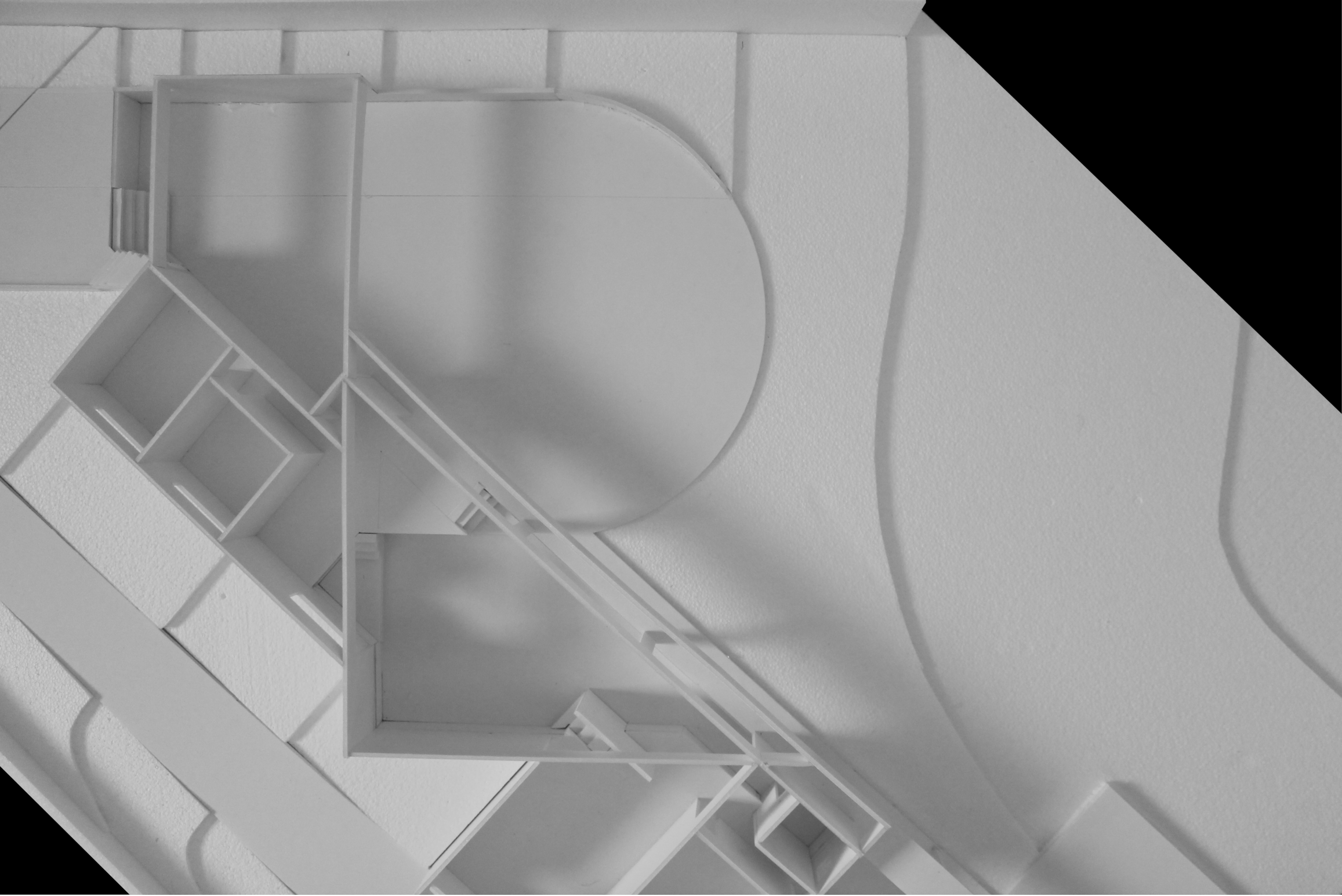
_No momento de entrada - situado à cota do pátio exterior – a lareira assume a sua presença com símbolo de acolhimento e conforto, desenhando o enquadramento de toda a zona social situada a uma cota inferior do momento de entrada (um metro de diferença), que atua em dualidade com a galeria exterior, encontrando-se o acesso ao patamar da sala. A zona social da casa posiciona-se então, não só direção da paisagem, contrariamente à disposição do resto da habitação que segue o alinhamento da preexistência, como também atua como o elo de distribuição para todas as outras funções programáticas -incentivando assim a um cruzamento contínuo entre usuários e fluxos da vida no quotidiano.



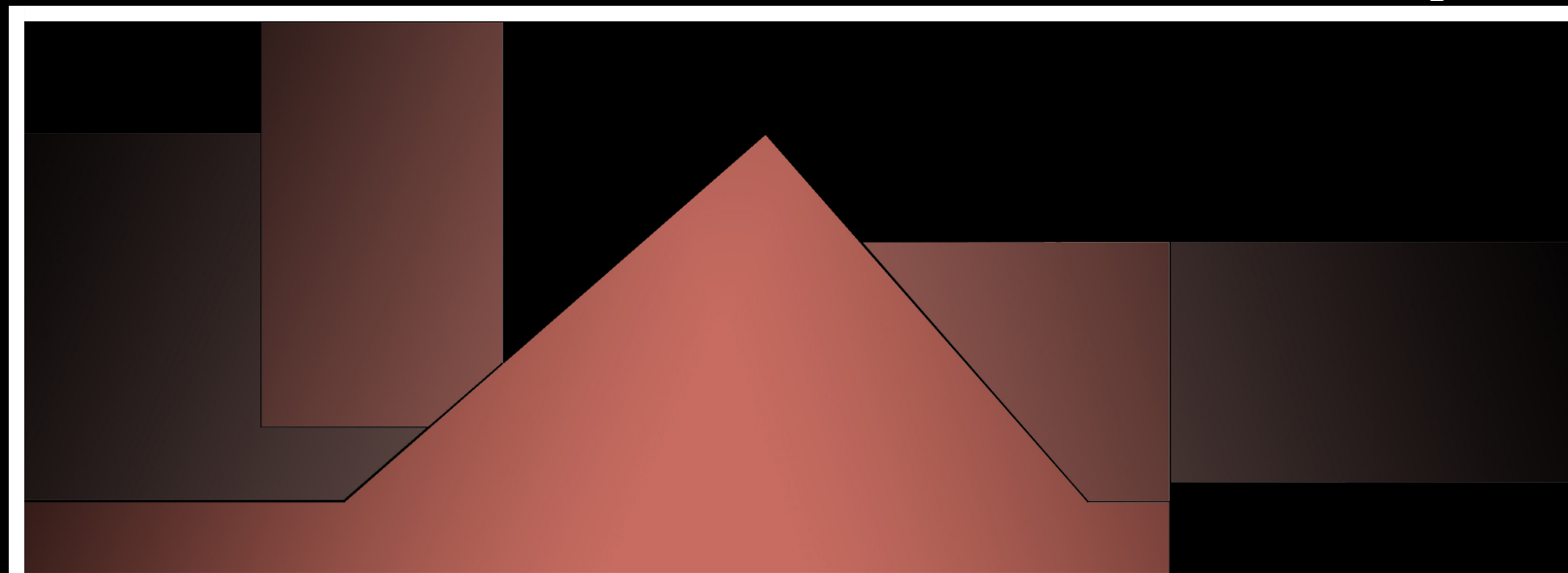
_FIG. 34

_A fim de um melhor reforço e afirmação deste posicionamento do carácter social, a presença das vigas estruturais à vista, que advêm do prolongamento da cobertura externa, desenham toda a zona social impulsionando assim uma disposição na contemplação da paisagem – um retângulo social.(ver Figura 35) Nesta cota temos presente ainda o lavabo de serviço, mais distante e resguardado, distanciando de forma clara o acesso a zonas de interesse mais privado por parte da esfera social extrafamiliar.

_Posto isto, existe a necessidade clara de soluções que ajudem a vencer a diferença de cota e que atuam como um dissipador progressivo entre as zonas com pretensão mais “social” e “privada”. Para além da solução já exposta anteriormente – que é executado de forma natural para entrada e saída da habitação – existem duas outras possibilidades passivas e que são o ponto de partida/distribuição para a progressão até à esfera mais privada do habitar. Sendo a linha de dissipação concebida da seguinte forma: sala (central e pública), o ponto de partida, dispõe de distribuição tanto para a lateral esquerda como lateral direita da habitação. No primeiro momento da sequência surge um espaço com uma função semiprivada (esquerda, sala de jantar/cozinha; e direita, escritório) que, por sua vez, dão acesso ao privado da intimidade dos habitantes (quartos).(ver Figura 36)



_FIG.35



_FIG.36

_Tendo um papel fundamental nesta transição, os dois acessos foram pensados de forma distinta no seu diálogo com a zona social. O primeiro – que faz a conexão entre a sala de estar e de jantar – é pensado como um momento intrusivo no ambiente social e que se faz adornar de uma peça de envolvimento entre as duas cotas e com várias funcionalidades; a primeira, de delimitar a zona de jantar pelo prolongamento do movimento interno que advém do módulo do abrigo; a segunda, separá-la do acesso ao quarto exterior que se dispõe diante do abrigo, obrigando o habitante a uma mudança de direção para aceder ao mesmo; e por fim, em resumo, dar força à escada que de outra forma surgiria desamparada nessa conexão(Ver Figuras 37 e 38). Por sua vez, o acesso remoto ao anterior tem uma conceção diferente, efetuando um afastamento perante a definição da zona social e conferindo-lhe uma maior amplitude. Isto acontece desta forma, primeiro, porque foi previsto que seja de muito menos uso, visto que um escritório não tem a frequência de uso de uma sala de jantar; segundo, porque existia uma vontade minha de projeto em que a lareira estivesse presente na zona mais dedicada ao trabalho e, por fim, porque permite que aquando da permanência no escritório o contato com a zona de estar esteja assegurado, existindo como algo distante dentro da continuidade espacial – não um isolamento total da função.



FIG.37

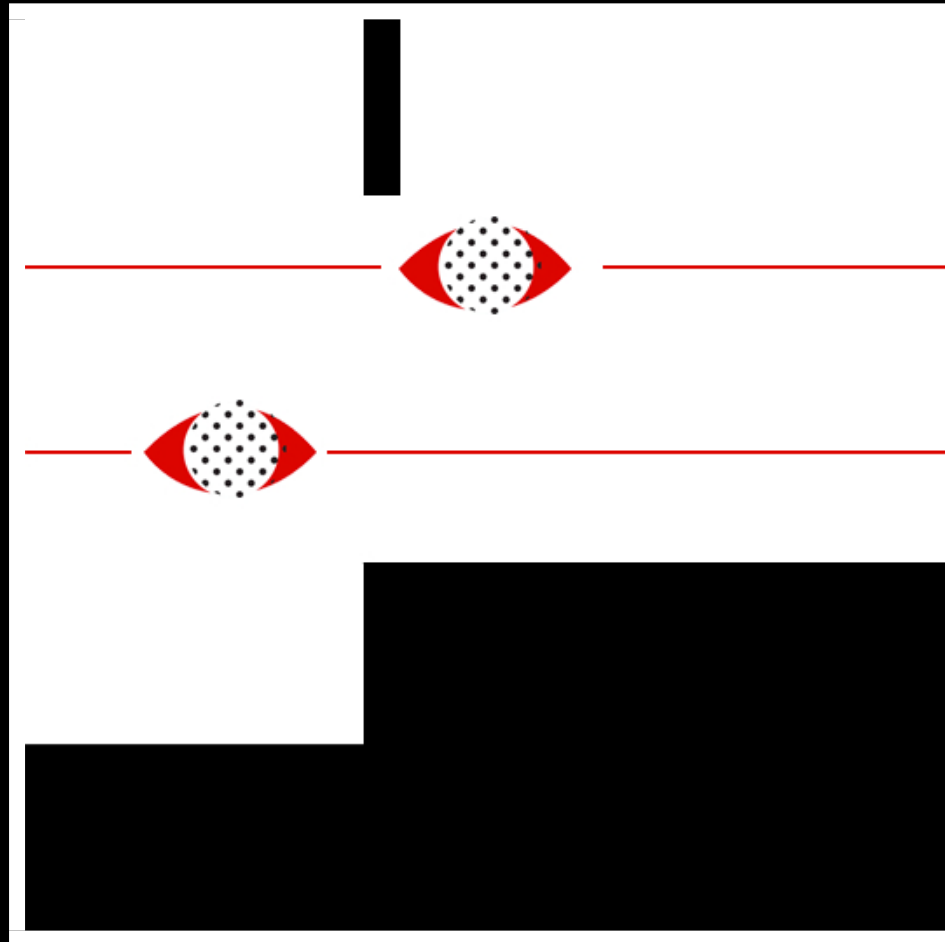


FIG.38

_A cota está vencida. Aproximamo-nos da esfera íntima (dentro da escala da habitação) e, neste momento, o realce é dado à escolha da mesa. Um objeto estático de função clara e objetiva definida uma mesa quadrada que no seu limite alberga o número máximo de oito pessoas sentadas. Isto porquê? Pelo fato de que, na minha opinião, ser o número máximo que permite um diálogo coeso e unilateral sem que existam quebras ou conversas paralelas, exaltando assim o convívio que um jantar exige e que é o principal objetivo do mesmo. A cozinha encontra-se arreigada de forma clara ao momento de jantar, num momento mais distante presente nos limites deste espaço e permitindo uma conexão rápida ao exterior, ao ponto de acesso mais privado, exposto anteriormente.

_O elemento de distribuição, passagem e conexão entre espaços – o corredor – aparece agora de forma definida em ambos os momentos de ligação à esfera privada, um elemento transitivo. Existem como um só, pois é contínuo de forma subjetiva e transversal a toda a habitação, em prolongamento do módulo do abrigo, com uma presença soberana sobre a zona social. Isto, porque situa-se numa cota superior permitindo o contato com a mesma, porém é a relação visual estabelecida entre os dois extremos que reforça a sua existência e liberdade de vivências. Ou seja, podemos encarar esta opção como uma relação amorosa, onde a intimidade, a proximidade e o conhecimento mútuo permitem a liberdade individual, bastando um olhar para a dissolução de qualquer pensamento. Dando asas à existência de uma conexão – não física – de proximidade imposta pelo simples contato do olhar invisível aos demais (ver Figura 39). Daí, a afirmação anterior de uma conexão subjetiva e que permite o mergulhar na esfera privada de uma família que contém em si estruturas individuais correlacionadas.

_FIG.39



_Estamos então no íntimo. A vertente mais individual do habitar de uma estrutura familiar – os quartos. São três espaços, cerrados, onde a supressão básica da necessidade de descanso é o ponto de partida para tudo o que enquanto isolamento possa aí ser gerado. Um espaço que contém a esfera mais complexa de ser justificada ou apresentada aqui nesta tese e que não pretendo aprofundar, mas que me fascina – a complexidade do que é o ser individual no seu íntimo e compreensão de si mesmo, ou seja, o que é o homem quando sente segurança e proteção, o momento onde ninguém o pode ver – díspar do ser social. É segundo a base apresentada no parágrafo anterior que é executada a divisão entre as duas suites – para os filhos, localizados à direita e numa zona mais resguardada – e a suite principal – para o casal, localizada à esquerda e que permite um acesso ao abrigo assim como a existência e a liberdade dos seres a título individual, concluindo assim a distribuição programática e os porquês das opções tomadas no desenho do projeto ao nível interno.

_Na sua fachada, voltada a sul(ver Figura 41 ou volume II -folha 16) e apresentando, neste caso, a integração e diálogo entre os dois projetos, o seu desenho apresenta o seguinte entendimento, assumir a repartição tripartida no abrigo onde este assume o seu relacionamento com o exterior de forma exposta, transpondo-a para a nova habitação com uma escala adaptada, por sua vez, o intermédio entre esta leitura objetiva mantém um ritmo marcado no seu para uma leitura de vazio e cheio. A estrofe composta por uma rima abraçada – ABCA. Na fachada voltada a norte (ver Figura 40 ou volume II -folha 16) encontramos uma dialética diferente, muito mais cerrada no seu ímpeto geral, assumindo a referência do abrigo e procurando exatamente a dicotomia entre encerrado e aberto. Sendo que, de forma clara, não pode ser uma fachada cega, porém tem alguma timidez latente, as suas aberturas são muito mais caracterizadas como rasgos horizontais – como a linha dos olhos ao invés da amplitude dos mesmos, salvo a exceção da abertura adjacente à zona social. Por sua vez, as aberturas que estão conectadas aos quartos assumem o mesmo comprimento, marcando assim a regra entre zonas de carácter mais privado e mais social. O abrigo com a sua ampliação recebe o destaque pela abertura localizada no quarto que aquando da sua vivência se torne o ex-libris de todo o projeto.



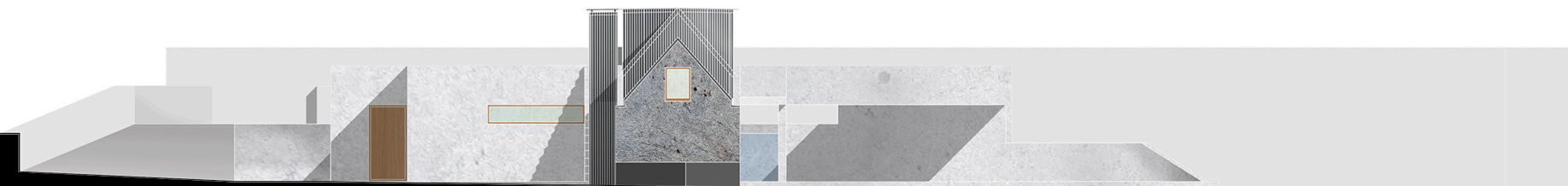
_FIG.40



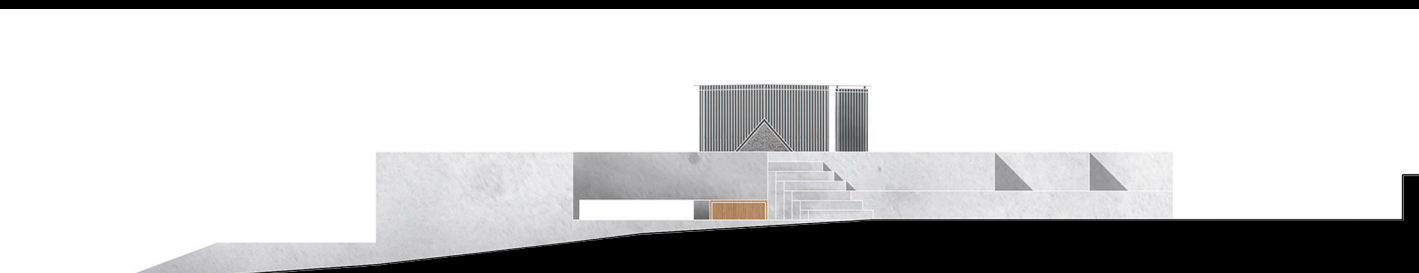
_FIG.41

_No alçado voltada a poente(ver Figura 42 ou volume II -folha 16), verificamos a presença de um banco em remate do abrigo, um momento de resguardo voltado para o pôr-do-sol, um momento de contemplação nos tempos de verão. Neste alçado encontramos o momento a partir da qual, de forma mais clara, é entendido o entrelaçamento entre os dois projetos, à sua direta executada pela galeria que se estende até ao contato com o abrigo, de forma delicada no seu momento de contato, mas presente na vontade de se adornar. No lado oposto, presente pela presença da escada enquanto marcação de uma direção elemento de condução e pela sequência de abertura que a composição apresenta em foque no abrigo, querendo-se adelgar ao mesmo.

_No alçado voltada a noroeste(ver Figura 43 ou volume II -folha 16), já foi apresentada anteriormente no discurso da bifurcação, podendo aqui ser acrescentado apenas a possibilidade de acesso à cobertura, que existe não apenas enquanto meio de admiração da paisagem ou liberdade de uso. Nela vive também a possibilidade de um acesso direto ao refúgio sem qualquer tipo de aparição a toda a casa. Quase como que uma forma de acesso em segredo. O que se torna curioso, pela fragilidade que eles, os segredos, têm na vida de cada um e o quanto as pessoas são tão frágeis aos mesmos.



_FIG. 42



_FIG. 43



_FIG. 44

_Algo importante de ser realçado nesta questão da conexão entre o abrigo e a habitação, é que esta emerge com uma grande fragilidade, pelo facto de interiormente existirem, em mim, dúvidas relativas ao presente e futuro do que possa realmente ser a conexão entre a objetividade na individualidade - o desenvolvimento de um ser humano enquanto sujeito - e um ser humano social, que abdica de uma liberdade em prol de uma estrutura familiar segundo a percepção devidamente aceite pela sociedade.

_Daí existir dentre todas as outras ligações ou conexões expostas anteriormente entre os dois projetos, uma mais direta, e que para mim realça exatamente a ideia exposta no parágrafo anterior. Acontece no vazio entre as duas habitações, tornando a conexão entre elas um fruto desfasado da sua origem, não linear. A incerteza de como podem duas realidades coabitar de forma real ou não.

_É daqui que submerge o sentido para uma das questões da maior satisfação deste processo - e que no decorrer da procura por uma resposta levantara umas outras quantas. O esclarecimento sobre de que forma pode a dualidade entre a liberdade individual e o “compromisso social” influenciar a efemeridade da nossa existência? Ou, colocando a pergunta de outra forma, o que leva o sujeito a sentir a capacidade de gerar uma nova estrutura familiar e a afastar-se da liberdade do individual? E ainda, qual o papel da Arquitetura neste assunto e na formação do habitar?

_ Intentamos que durante o longo percurso disto que é o tempo, as sociedades vêm-se adulterando conforme um processo evolutivo impulsionado de algumas iniciativas prósperas a título de individual e segundo as necessidades dos sujeitos, coletivo. E é segundo o que acabo de dizer e na procura da resposta ao parágrafo anterior que surgem as inquietações, mote para o título do capítulo seguinte deste trabalho.



CIDADE

DIVERSIDADE

MOVIMENTO

MOVIMENTO

COMPOSIÇÃO

COMPOSIÇÃO

IDENTIDADE

IDENTIDADE

AUTOCONSTRUÇÃO

AUTOCONSTRUÇÃO

HABITAR

INTIMO



_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

INQUIETUDES



_Finalizado o projeto surgiram, como já referido, inúmeras dúvidas relativamente ao que é a presença do sujeito na sociedade, de como pode o sujeito arquiteto capacitar-se de métodos de influência ativos na conceção do Homem, na sua organização social e claro na forma como habita os espaços – partindo do pressuposto, claro, de que qualquer tipo de intervenção por parte do arquiteto já pressupõe o que acabo de dizer, porém o que quero aqui esclarecer é que este deve sim munir-se, não apenas do título de arquiteto, mas sim da consciência e da importância que isso acarreta na prática no mundo contemporâneo.

_Partindo de um pressuposto que advimos de uma estrutura familiar ou de uma outra qualquer pertencente a uma sociedade, na qual ao fim de um tempo adquirimos uma liberdade de ação e responsabilidade para num fim existir um retorno. Atuando, agora, como criador de uma continuidade com um fim- a conceção do nós. Um módulo de base que se adultera e adapta segundo as necessidades e vontades a fim de integrar a estrutura geral com uma liberdade passiva e responsabilidade ativa com tudo o que lhe é adjacente.

_O que do meu ponto de vista é bastante claro, é que o processo de desenvolvimento de um projeto assim como o do homem, da sociedade acaba por ter implícito a metáfora que o conota com a disciplina da Arquitetura. De formas diferentes, é certo, o papel e a responsabilidade do Homem estão diretamente conotados com o trabalho enquanto arquiteto assim como o seu reflexo num estado social e individual. Dai o sentido do “todos somos arquitetos. Tudo é arquitetura”⁴.

Perante esta insatisfação da minha inconsciência, relativa ao que poderia ter-me levado a tomar as minhas escolhas, assim como, o aparecimento de todas estas inquietações e pelo fato de esta investigação se apresentar à “comunidade educativa” enquanto tese, prevendo que qualquer aluno se disponha a expor e discutir sobre a disciplina, sobre o mundo na qual ela se insere, a sua aproximação ao mesmo ou até mesmo um qualquer tema do qual o aluno tenha o mínimo de interesse, acho oportuno, declarar que considero este um momento no processo da vida, onde todos os demais estudantes, deveriam realmente aproveitar e tentar explorar

⁴ Expressão usada por Hans Hollein e que me apodero da mesmo no sentido. A disciplina da Arquitetura é muito mais transcendente do que a forma como é encarada.

ao máximo a "liberdade", se é que assim lhe podemos chamar, de escolhas que lhes é concedida a fim de criarem conhecimento da forma mais adequada e consciente aos interesses de cada um. Considero um ponto de mudança e, como tal, se cientes disso, cria neles -os alunos propostos a elaborar uma tese- uma enorme vontade e capacidade de reflexão não constante no dia-a-dia dos demais durante o processo escolar ou de vida.

_Senti uma necessidade de organizar, expor e construir pensamentos. Uma necessidade de procurar a identidade afim de uma melhor compreensão sobre a fragilidade ou disparidade entre as conexões.

_Foi nesse momento que decidi começar a estudar os fatos históricos que considero importantes para procurar as respostas às minhas perguntas. O passo inicial foi compreender quais os factores que mais influenciam a sociedade atual e os seus comportamentos segundo a minha percepção da realidade em seguida começou a viagem.

_Por caminhos pouco delineados em mim ou mesmo sem qualquer tipo de conhecimento, procurei e fui desfrutando. Encontros com Sociologia e Antropologia, tropecei de novo com a Filosofia e a História, houve ainda tempo para reencontros com a Arquitetura, as memórias e as experiências.

_Estando o resultado desta viagem presente, sobre a forma de um dicionário composto por todas as abordagens e investigações realizadas durante essa procura, e que, apresentarei em seguida.

Antes da exposição dos conteúdos gostaria apenas de explicar o motivo da opção escolhida ter sido a de um dicionário, com base na definição da própria palavra.

"di·ci·o·ná·ri·o
(francês dictionnaire)

substantivo masculino

1. Coleção organizada, geralmente de forma alfabética, de palavras ou outras unidades lexicais de uma língua ou de qualquer ramo do saber humano, seguidas da sua significação, da sua tradução ou de outras informações sobre as unidades lexicais.

2. Coleção de palavras usadas habitualmente por uma pessoa, por um grupo social ou profissional, num domínio técnico, etc. = GLOSSÁRIO, VOCABULÁRIO

3. [Linguística] Conjunto de unidades lexicais identificadas, organizadas e codificadas."⁵

_Com receio de transmitir uma ideia de composição de pensamento ou ordem de importância na apresentação da investigação, o dicionário, tornou-se o melhor meio de coletar e organizar tudo de modo a que não levantasse qualquer tipo de influência da minha parte, mas sim, por sua vez, conferir as bases tidas para o desenrolar do trabalho e uma melhor compreensão do mesmo. Daí a minha escolha.

5_ Disponível em World Wide Web <<https://www.priberam.pt/dlpo/dicionariar>>. (Consultado a 5 de Maio de 2018)

_Dicionário básico de:

Um processo – A arquitetura, do tipo à evolutiva

_A ANESTÉTICA DA ARQUITETURA;

Niel leach

.O uso excessivo de imagens e as consequências na arquitetura. A consequente perda do sentido estético e a possibilidade de tudo o poder ser. O possível fim da estética na sua compreensão mais comum/vulgar.

_A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO;

Max weber

.A importância das reformas sociais protestantes na percepção da função do homem e na sua organização. Passando o trabalho a ser visto como enobrecimento do mesmo, que trabalha para se enriquecer e não estar presente nos atos mundanos. Acumulando riqueza e tornando-se dono dos meios de produção, abrindo como isto, mesmo que de forma inconsciente, as portas para aquilo que viria a tornar-se a nova ordem econômica – o capitalismo moderno.

_AFORISMOS PARA A SABEDORIA DA VIDA;

Arthur Schopenhauer

.A obra divide-se em três principais momentos. O primeiro onde Arthur Schopenhauer usa como base a tripartição realizada por Aristóteles relativa aos bens da vida humana, concebendo a sua visão. Resultando em, na primeira que denomina de O que alguém é; a segunda o que alguém tem; e por fim a terceira, que passa por o que alguém representa; Para depois traçar as máximas gerais e no fim, apresentar as diferentes formas como encaramos as fases da vida e a passividade como aprendemos e consciência como aprendemos a lidar com ela com a imparcialidade obtida pela idade que o permite ver as coisas com a objetividade necessária, não para procurar a felicidade, mas sim para uma vida menos dolorosa.

AMOR LIQUIDO;

Zygmunt Bauman

. Uma análise sobre os relacionamentos interpessoais e a fugaz conectividade dos mesmos e como isso advém de uma mudança ao nível social daquilo que o próprio autor caracteriza como a "modernidade líquida". Palavras como rede, conexão, efemeridade e egoísmo são o ponto chave de todas as relações criadas nos dias de hoje. Não existe mais o sentido de construção e de amor real pelo outro. Existe por sua vez o interesse com base egocentrismo de todo e qualquer sujeito.

A SOCIEDADE EM REDE; A ERA DA INFORMAÇÃO: ECONOMIA, SOCIEDADE E CULTURA; Volume I (Leitura parcial)

Manuel Castells

. Uma análise das alterações ocorridas no final do último século com a última revolução industrial ou a revolução tecnológica dando o salto para a era da informação ou digital e que originaram as confusões presentes nos dias de hoje dando início a essa nova sociedade que o autor caracteriza como a "sociedade em rede". Neste livro é feita uma abordagem afim de uma compreensão dessas mudanças para um melhor entendimento das mesmas.

A SOCIEDADE INDUSTRIAL E O SEU FUTURO - MANIFESTO "UNABOMBER";

Theodore Kaczynski

. É um manifesto que se declara contra a sociedade industrial e tecnológica, com base nos problemas sociais que surgiram desde a revolução industrial e que, ao longo do tempo, marcam a sociedade e a corrompe. Um anarquista e terrorista que tem um enorme oportunismo e capacidade analítica sobre o mundo atual. Um sentido muito real mesmo que excessivo em certos momentos.

ASSIM FALAVA ZARATRUSTA - UM LIVRO PARA TODOS E PARA NINGUÉM;

Friedrich Nietzsche

. Através da obra "Assim falou Zaratustra", Nietzsche pretende quebrar os valores morais da época com o objetivo de quebrar com os ídolos e abrir espaço à criação de novos valores. Talhando o caminho que o autor intitula como super-homem.

Friedrich Nietzsche apresenta Zaratustra como o protótipo de além homem, é este, que depois uma primeira fase a viver isolado na sua caverna, sai para difundir o seu novo pensamento. Começa então por afirmar que deus está morto e que estamos perante o niilismo, por isso existe a necessidade de criar os nossos próprios propósitos e, assim sendo, introduz de seguida a noção de super-homem, que virá revolucionar o mundo dos mortais. O super-homem de Nietzsche cria os seus próprios valores, ao invés de aceitar os ensinamentos morais previamente vigentes. Ele afirma que o homem é o ponto intermédio entre o animal e o super-homem como o próprio afirma dizendo:

"-O homem é corda estendida entre o animal e o super-homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.

O grande do homem é ele ser uma ponte e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento"⁶.

Uma utopia.

A VIAGEM À VOLTA DO MEU QUARTO;

Xavier de Maistre

. O livro é focado numa viagem ocorrida dentro de um quarto, durante quarenta e dois dias pelo autor em Turim após um confronto da revolução francesa. Aqui ele explora a viagem pela sua memória enquanto deambula pela vivência atual do mesmo e a vida social presente pelas memórias vividas.

⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratrusta - Um Livro para todos e para ninguém*. EbooksBrasil: (São Paulo), 2002 (Consultado a 20 de fevereiro de 2018). Disponível em World Wide Web: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf> >

_CIDADES REBELDES;

David Harvey

. David Harvey expõe o poder do capitalismo na concepção e domínio dos meios urbanos e na secularização de excedentes capitais por meio de exemplos como a crise de 1848 em França que impulsiona a reforma de Haussman ou pós-segunda guerra mundial nos Estados Unidos da América que levaria Robert Moses a reformular as cidades numa escala metropolitana. Numa segunda fase, identifica atualmente quem são os sujeitos dos movimentos atuais urbanos da luta anticapitalista exaltando a sua potência tentando incitar à sua união a fim de conceber o real direito à cidade e o destronamento do sistema capital.

_CONFIANÇA E MEDO NA CIDADE;

Zygmunt Bauman

. Uma rápida exposição das consequências da vida da modernidade líquida nos meios urbanos e a forma como o habitamos. O medo e a confiança despoletada pelo poder e que consequências provoca nos demais. O problema da escala mundial - da globalização, a vida nas cidades e o fato de no fundo sermos humanos. Terminando dizendo: "... mas hoje o caminho que deveríamos seguir, agrade-nos ele ou não, terá de começar pela casa e pela cidade de cada um de nós, agora mesmo. Não consigo pensar noutra coisa mais importante do que esta. É por ela que temos de começar."⁷

_DROP CITY;

Peter Rabbit

. É um romance, caracterizador de um dos pontos altos do início do movimento hippie. Sendo, mesmo caracterizada como a primeira vila hippie. O romance mostra a viagem de encontro e segregação entre dois grupos com os mesmos ideais que vão viver para o Alaska, descreve todas as suas afinidades e divergências na procura de uma devoção à paz, ao amor livre e à vida mais despojada ou simples. Sendo composta por intervenientes da contracultura e de intrusão das várias vertentes artísticas.

7_ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Alfragide: Relógio D'Água Editores. 2006.

_EXPLICANDO O PÓS-MODERNISMO;

Stephen R. C. Hicks

. Uma viagem pela história da filosofia e política desde o iluminismo que leva ao surgimento necessário do pós-modernismo como meio de reerguer a esquerda fragmentada. Uma crítica direta à forma de imposição destas políticas nos dias de hoje.

_O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO;

Jean-Paul Sartre

. Uma publicação de defesa ao existencialismo perante as críticas levantadas. Onde Jean-Paul Sartre expõe toda a sua argumentação demonstrando em que consiste o existencialismo e o seu engajamento com a autocritica para de seguida explicar o motivo de este, em consequência de uma consciência da primeira, ser também um humanismo.

_Manifesto comunista;

Karl Marx e Friedrich Engels

. O manifesto surge com a tensão que se vivia na altura na Europa e principalmente em França, onde a liga dos comunistas previa que a revolução acontecesse a qualquer momento e encomendara a Karl Marx a sua concepção. Neste manifesto estão delineadas e concentradas as diretrizes da ação para aquilo que se esperava que fosse uma revolução do proletário a uma escala alargada. Nele contém todas as diretrizes a serem postas em prática com a revolução assim com caracterização da luta e as posições tidas pelos comunistas. Sendo considerado um dos mais, se não o mais importante documento da esfera política.

_Tudo o que é sólido desmancha no ar;

Marshall Berman

.Em tudo o que é sólido se desmancha no ar, Marshall Berman faz uma análise alargada ao modernismo e aos seus incitadores das diversas áreas e meios de atuação, desde "o fausto" de Goethe, "O modernismo nas ruas" de Baudelaire, passando por Gogol, Rem koolhaas, entre outros. Compilando e demonstrando por base de relações a sua importância na maneira como a modernidade é vivida. Munindo-me das palavras do autor para uma melhor concepção da exploração feita no livro uso dois exertos da parte introdutória do livro para um melhor entendimento:

"Em tudo o que é solido desmancha no ar, defino modernismo como qualquer tentativa feita por mulheres e homens modernos no sentido de se tornarem não apenas objetos mas também sujeitos da modernização, de apreenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele."⁸

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida– que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como a "modernidade". Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor– mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temo, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, "tudo o que é solido desmancha no ar".⁹

8_BERMAN, Marshall. *Tudo o que é solido desmancha no ar*. Tradução Carlos Filipe Moisés, Ana Maria L.Ioriatti. 1ªed. São Paulo: Companhia de Letras. 2007. ISBN 978-85-359-1030-8.

9_idem.



_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

_O ABRIGO

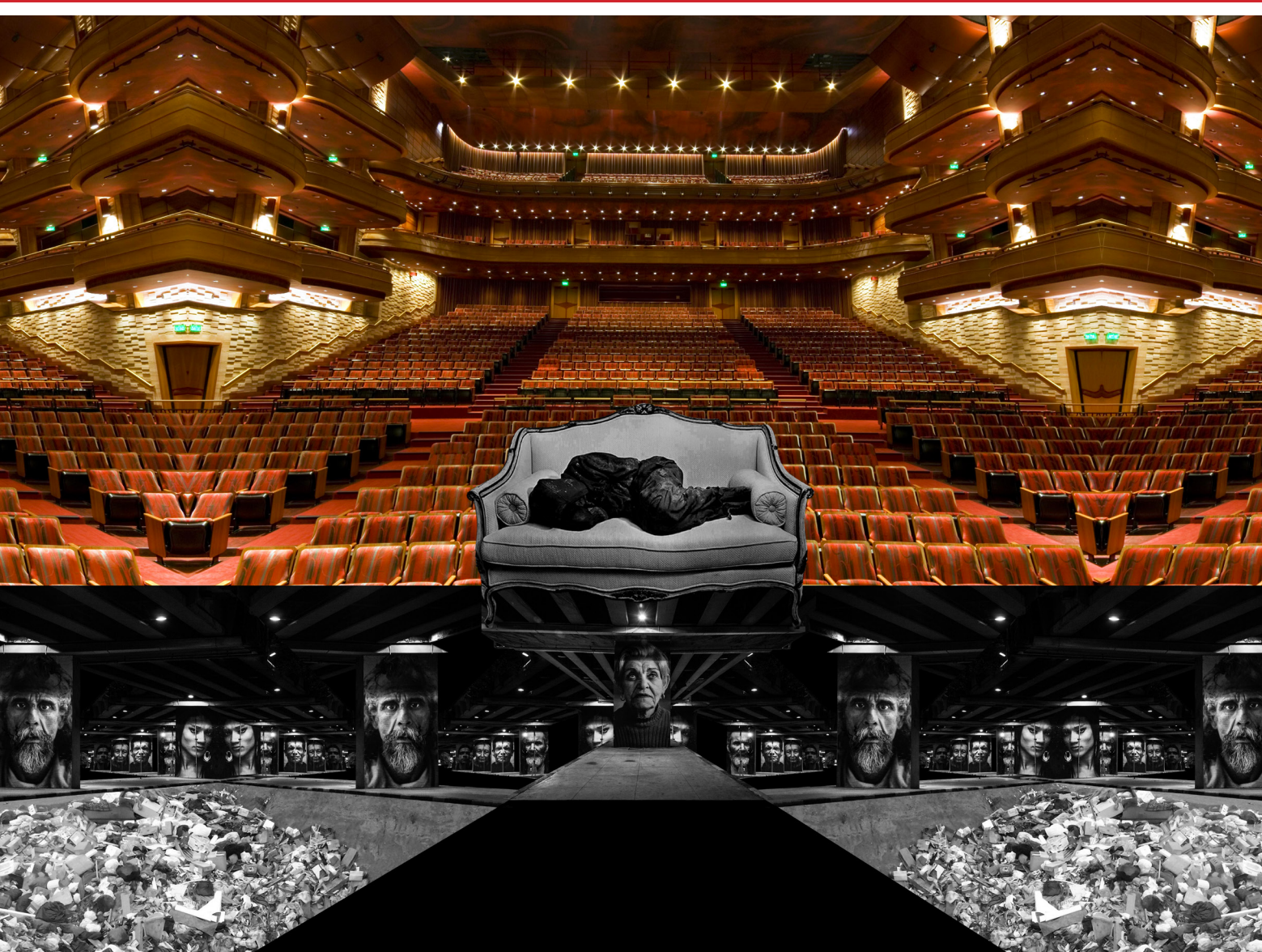
_Por vezes o “fim”, não evidencia todo o trajeto da “conceção” - assim como em qualquer um outro processo de um sujeito (como o eu, o do tu, do nós, do vós ou mesmo o do deles)- enquanto desenvolvimento contínuo resultante da estrutura social - educação, política, económica, social, legislativa, entre outros - criam no sujeito a inconsciência, a passividade ou não, na forma como habitamos e criamos o mundo em que vivemos.

_Podemos encontrar em qualquer tipo de processo a(s) verdade(s) (in)consciente de todo o seu desenvolvimento. Existe então melhor forma de caracterizar a vida senão como processos sequenciais, efêmeros e coabitantes com um fim passível na morte/extinção? Ou num regresso à origem?

_O estado do habitar individual, íntimo e pessoal conduz-nos à essência da imaterialidade, experimentando por vezes o seu lado mais obscuro - devido ao fato de por natureza sermos animais sociais - onde expõe a imaterialidade que o sujeito pouco ou nada gosta de enfrentar em qualquer que seja o ponto da sua vida. Sentimentos como a angústia, medo, isolamento, arrependimento, perda, entre outros, assumem o papel na memória da experiência do íntimo. Porém estes sentimentos resumem a caracterização da fragilidade do individual. É então nesse estágio despejado que surge a capacidade de se reconstruir enquanto individual e que permite o ponto de partida consciente para a construção do coletivo. É neste momento transitivo que a vertente imaterial e biologicamente necessária (social) volta a prenciar-se de forma mais pura, os sentimentos ali criados transportam o sujeito para a liberdade da partilha mais real (com isto não quero dizer que os sentimentos das pessoas do ímpeto geral não o sejam, julgo é que por sua vez estão conotados a uma razão e a uma força das estruturas sociais que os dissimulam), estamos na sociedade.

_É neste momento transitório que passa a existir aquilo que caracterizo como o material enquanto objeto, aqui ganhamos a pura consciência do que é realmente material. Um objeto que carece sempre de uma existência imaterial (díspar do objeto despojado de imaterialidade criado pelo sujeito). É então a ação, o estágio máximo da imaterialidade, criador de processos e ao mesmo tempo o maior de tudo o que é material.

_FIG.49



_A Caracterização do sujeito como parte de uma sociedade existente apenas vive com a força e a consciência do imaterial, passando esta a estabelecer a ponte de conexões e relações com fim na ação. É o imaterial, o tudo e o nada no processo de criação e uso de objetos, assim como num qualquer ato expoente de liberdade.

_ Por sua vez, a “sobresocialização” tem, como já apresentado anteriormente, disfarçado a presença do imaterial no cotidiano social. Refletindo-se no panorama da arquitetura na forma como habitamos. O exemplo das metrópoles ou das grandes cidades que surgem exatamente pela falta de sentimento e de orientação. Aparecem num contexto de evolução teatral de uma não solidão proposta pelo cenário, barulhento e iluminado onde a arquitetura pela sua escala e imagem torna o homem subjugado à ideia de real evolução e da vida – Vende-se ao poder, que neste ponto não sou capaz de saber a quem atribuir o título. Se à política ou ao capital. Cria a inferioridade, pela falta de domínio do que o rodeia e que fora criado por um outro sujeito que passa assim a estabelecer o domínio. O homem dota-se da arquitetura para se impor. A venda de um produto que na verdade nunca é como o prometido.

_É hoje, necessário uma volta atrás na construção e no pensamento. É necessário repensar a arquitetura, olhar e ver o sujeito habitá-lo para construir a realidade de todos. Está aberta a discussão.

O abrigo. A volta à origem deste processo que aqui apresento. Foi perante o estágio da experiência da existência no abrigo, o mínimo necessário para o habitar que extrai a minha percepção do sujeito, possibilitando-o à experiência de superação que o compõe, é aí que o processo ganha todo o seu sentido. Acredito que aconteceria o mesmo a tantos quantos os que se propusessem a tal situação.



_FIG.51



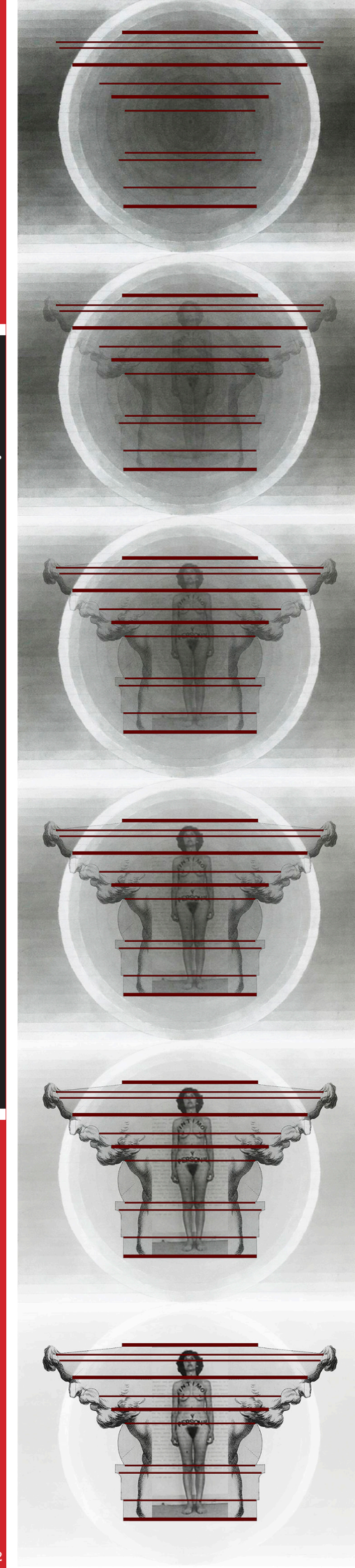
Certezas subjugadas d'entre dúvidas.

Poderoso, é poder,
Dessa mente que te acompanha.
Vejo-te através do que não me capacito.
Sinto-me através do que te aproxima.

Poderoso, é poder.
Desse ponto, de partida e chegada.
Ir com a certeza de voltar.
O crer na mudança,
Da esperança nos que vão.
Selvática planetária.
Rotatório é esse poder,
Desconfortável em seu conforto.
Das certezas, a morte.
Perdido eu que só conheço a partida.

Poderoso, é poder.
De não saber ser e assim me conhecer.
Saudade.
Palavra tão nossa,
Caminho da incerteza,
Do querer.
Só saber só.

Poderoso, é poder.
Da única certeza.
Ser a dúvida dessa certeza.



_FIG.52

_Um processo _A Arquitetura - Do tipo à evolutiva_

_O processo.

_Conjunto de manipulações na procura de um resultado.

_O ato de existir sobre a forma subjetiva.

_Uma aproximação a sequências tangíveis nos caminhos tomados para o desenvolvimento do sujeito/ arquiteto.

_O término institucional, não do sujeito.

_Uma viagem de regresso. A necessidade de findar.

_Acabou. Esta bela liberdade.

_Um passo do fim.

_CONSTRUA-SE O ABRIGO.

_"Um dia desaparece o sol... E acabou. E o Universo nem sequer se dará conta de que nós existimos. O universo não saberá que o Homero escreveu a Ilíada"¹⁰. E nada disto fará sentido.

Carlos Ferreira

01_06_2018

10_ GONÇALVES MENDES, Miguel. *José e Pilar*. (Registo de vídeo). Produção de Fernando Meirelles. Portugal: Jumpcut, 2010. Início ao minuto 24'53 e término ao minuto 25'08.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_ANDRADE, Carlos Drummond De. *Sentimentos do mundo*. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras. 2012. ISBN 978-85-359-2118-2

_BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido - Tudo sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1ªed. Lisboa: Relógio D'Água. 2006

_BAEZA, Alberto Campo. *A ideia construída*. Tradução Anabela Costa e Silva. 5ªed. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2013. ISBN 978-989-658-222-7

_BAEZA, Alberto Campo. *Principia Architectonica*. Tradução Eduardo dos Santos. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2013. ISBN 978-989-658-223-4

_BAEZA, Alberto Campo. *Pensar com as mãos*. Tradução Eduardo dos Santos. 2ªed. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2013. ISBN 978-989-658-100-8

_BRETON, André. *Manifesto do surrealismo*. Edição original 1924. Disponível em World Wide Web < <http://www.culturabrasil.org/breton.htm> >

_CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. in A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução Alexandra Lemos. 5ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2016. ISBN 978-972-31-1411-9

_BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução Miguel Serras Pereira. 1ªed. Lisboa: Relógio D'Água. 2006

_BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. Tradução Carlos Felipe Moisés. 1ªed. São Paulo: Companhia de Letras. 2007. ISBN 978-85-359-1030-8

_HARVEY, David. *Cidades Rebeldes*. Tradução Jeferson Camargo. 1ªed. São Paulo: Martins Fontes. 2014. ISBN 978-85-8063-161-6

_HICKS, Stephen R. C. *Explicando o pós-modernismo*. Tradução Silvana Vieira. 1ªed. São Paulo: Callis Editora. 2011. ISBN 978-85-7416-618-6

_HOLLEIN'S, Hans. *Everything is architecture*. Disponível em World Wide Web: < <http://socks-studio.com/2013/08/13/hans-holleins-alles-ist-architektur-1968/> >

_KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Círculo Do Livro.

t

_LEACH, Neil. *A anestésica da Arquitetura*. Tradução Carla Oliveira. 1ªed. Lisboa: Antígona. 2005. ISBN 972-608-180-7

_Le Corbusier. *Por uma Arquitetura*. Tradução Ubirajara Rebouças. 3ªed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1981.

_KACZYNSKI, Theodore John. *A sociedade industrial e seu futuro - Manifesto de "Unabomber"*. Disponível em World Wide Web: < <http://www.anarquista.net/manifesto-de-unabomber-a-sociedade-industrial-e-seu-futuro/>>

_MARX, Karl. *Manifesto comunista*. Tradução Álvaro Pina. 1ªed. São Paulo: Boitempo. 2010 ISBN 978-85-85934-23-1

_MAISTRE, Xavier. *Viagem à volta do meu quarto*. Tradução Carlos Sousa Almeida. 1ªed. Lisboa: Edições tinta-da-china. 2015. ISBN 978-989-671-257-0

_M. TAVARES, Gonçalo. *Atlas do corpo e da imaginação*. 1ªed. Alfragide: Editora Caminho. 2013. ISBN 978-972-21-2656-4

_NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano um livro para espíritos livres*. Tradução Paulo Osório de Castro. 1ªed. Lisboa: Relógio D'Água. 1997

_NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratrusta - Um Livro para todos e para ninguém*. EbooksBrasil: (São Paulo), 2002 (Consultado a 20 de fevereiro de 2018). Disponível em World Wide Web: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf> >

-PEREC, Georges. *A vida modo de usar*. 1ªed. Lisboa: Editorial Presença. 1989

_PIGNATARI. Décio. *Semiótica da arte e da Arquitetura*. 4ªed. São Paulo: Ateliê Editorial. 2004

_RABBIT, Peter. *Drop city*. New york: The Olympia Press, Inc. 1971

_ROCHA, Paulo Mendes. *América, cidade e natureza*. São Paulo: Estação Liberdade. 2012. ISBN 978-85-7448-197-5

_SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 6ªed. Rio de Janeiro: Editora vozes. 2010. 978-853-264-012-3

_SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. 1ªed. Lisboa: Levoir. 2017. ISBN 978-989-682-693-2

_SIZA, Álvaro. *Imaginar a evidência*. Tradução Soares Da Costa. São Paulo: Estação Liberdade. 2012. ISBN 978-85-7448-148-7

_TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*. 9ªed. Porto: Rainho & Neves. 2015. ISBN 978-972-9483-22-6

_WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução Mário Moraes. 5ªed. São Paulo: Martin Claret. 2013. ISBN 978-85-7232-975-0

CRÉDITO DE IMAGENS

_FIG. _Denominação

- _01 _Fotografia do processo, por Carlos Ferreira, 2018vv
- _02 _Idem
- _03 _Idem
- _04 _Idem
- _05 _Idem
- 06 _Imagem aérea retirada do Google Earth, edição Carlos Ferreira
- _07 _Ilustração por Carlos Ferreira, *A forma de existir.*
- _08 _Fotografia por Carlos Ferreira, *A preexistência.*
- _09 _Idem
- _10 _Idem
- _11 _Idem
- _12 _Idem
- _13 _Axonometria, *O método e o uso*
- _14 _Plantas e axonometria do projeto, *O abrigo*
_Axonometria, *Processo de construção e pormenores*
- _15 *construtivos*
- _16 _Fotomontagem por Carlos Ferreira, *A dimensão do Abrigo,* 2018
- _17 _Ilustrações perspéticas do Abrigo por Carlos Ferreira, *A natureza surreal do Abrigo.* 2017
- _18 _Idem
- _19 _Fotografias da maquete por Carlos Ferreira
- _20 _Idem

_FIG. _Denominação

_21 _Idem

_22 _Idem

_23 _Idem

_24 _Idem

_25 _Idem

_26 _Idem

_27 _Idem

_28 _Idem

_29 _Imagem aérea retirada do Google Earth, edição Carlos Ferreira

_30 _Ilustração do projeto por Carlos Ferreira

_31 _Ilustração das intenções de projeto por Carlos Ferreira

_32 _Planta de cobertura, *A casa*

_33 _Esquema de acesso, *A casa*

_34 _Planta de piso, *A casa*

_35 _Fotografia da maquete, por Carlos Ferreira, 2018

_36 _Esquema de dispersão, por Carlos Ferreira

_37 _Fotografia da maquete, por Carlos Ferreira, 2018

_38 _Idem

_39 _Fotografia do processo, por Carlos Ferreira, 2018

_40 _Alçado norte, *A casa*

_41 _Alçado sul, *A casa*

_FIG. _Denominação

_41 _Alçado Oeste, *A casa*

_42 _Alçado Este, *A casa*

_43 _Fotografia da marqueta, por Carlos Ferreira, 2018

_44 _Idem

_45 _Idem

_46 _Fotomontagem, por Carlos Ferreira, *Do singular ao plural e o seu inverso*, 2018

_47 _Fotografia, por João Machado, *Sociologia*, 2018

_48 _Fotografia, por Carlos Ferreira, *O corpo e o espaço*, 2018

_49 _Fotomontagem, por Carlos Ferreira, *Saiu no lucro*, 2016

_50 _Fotomontagem, por Carlos Ferreira, *Império Colonial*, 2016

_51 _Fotomontagem, por Carlos Ferreira, *É o preço do sucesso*, 2016

_52 _Fotomontagem, por Carlos Ferreira, *A esfera do íntimo*, 2018

_53 _Fotografia, por Carlos Ferreira, *O corpo e o espaço*, 2018

_54 _Volume III - Fotomontagem, por Inês Castros, *O intervalo entre o corpo e o sentimento*, 2018

